

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

VILLAYERDE CABRAL, Manuel. *Manuel Villaverde Cabral (depoimento, 2010)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL, 2010. 48 p.

MANUEL VILLAYERDE CABRAL
(depoimento, 2010)

Rio de Janeiro
2010

Transcrição

Nome do entrevistado: Manuel Villaverde Cabral

Local da entrevista: ISCTE/IUL – Lisboa, Portugal

Data da entrevista: 11 de maio de 2010

Nome do projeto: Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa (CSPLP):
Histórias de Vida

Entrevistadores: Celso Castro, Helena Bomeny, António Firmino da Costa e Maria das
Dores Guerreiro

Câmera: Arbel Griner

Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar

Conferência de Fidelidade: Carlos Subuhana

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Manuel Villaverde Cabral em 11/05/2010. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

M.C. – Bomeny.

H.B. – N, Y.

M.C. – Bomeny. E isto é um nome...

H.B. – Árabe.

M.C. – É.

H.B. – Dizem. A minha avó...

M.C. – É o chamado levantino, os levantinos libaneses.

H.B. – É libanês.

M.C. – Sírio-libanês. No seu caso, deve ser mais levantino libanês.

H.B. – É libanês.

M.G. – Já está identificada.

M.C. – Eu pergunto sempre sobre essas coisas. Ela é da Serra Algarvia, mais para baixo ou mais para cima.

A.C. – É claro. Ela é a típica...

Transcrição

M.C. – Quando eu conheci o nosso atual ministro da Ciência e Tecnologia [José Mariano Gago]... Você não o conhece. Ele é casado com uma senhora de origem inglesa, de mãe inglesa...

M.G. – Uma colega nossa.

M.C. – ...uma colega nossa, colega minha aqui no instituto, mas ele é mais louro do que ela. Tem olho azul, o cabelo... Agora já está a ficar um bocadinho mais...

M.G. – Mais grisalho.

M.C. – Eu conheci o pai há quase 30 anos, há 25 [anos]. E eu lhe disse assim: “É algarvio de Sotavento?”. E ele disse: “Como é que sabe?”. “A sociologia não é uma batata.” [risos] Com aquela pinta e o apelido de Gago, só pode.

M.G. – Só pode ser do Algarve.

M.C. – Exatamente. E era.

M.G. – E o seu concelho será...

M.C. – Guerreiro, às vezes, vem até a minha aldeia lá do Alentejo, que não é uma aldeia. Que é a minha vila. É lá dos Guerreiros. Mas eles são de importação, vêm de baixo.

M.G. – De que vila?

M.C. – Colos. Já é mais para cima um pouco.

M.G. – Minha família tinha muitas relações com Colos.

M.C. – Tem lá uns Guerreiros que subiram.

M.G. – São os primos.

A.C. – Olha, para [inaudível] é o Celso Castro...

M.C. – Celso de...?

C.C. – Castro.

A.C. – ...que é o diretor do Cpdoc.

M.C. – Isso é, provavelmente... É de origem espanhola?

C.C. – Não, é português. Meu avô era do Porto.

M.C. – Ora, bem! Era isso que eu queria ouvir.

A.C. – Seu avô era do Porto?

C.C. – Mais exatamente, de São Pedro da Cova, em Gondomar

M.C. – Ah, muito bem! Onde tinha umas minas.

C.C. – Exatamente. Mas foi muito criança para o Brasil.

M.C. – O Renato Lessa também é daí, tinha uma avó da Ribeira do Porto.

M.G. – O Renato também é?

M.C. – O Lessa com dois S é. Tem lá gente.

C.C. – Mas então, esse projeto, nós já estamos no final do segundo ano dele e já entrevistamos uns vinte e poucos cientistas sociais no Brasil e em Portugal e alguns em Moçambique, também – nós não participamos; temos um colega lá que está fazendo entrevistas –, e a ideia é falar, sim, das ciências sociais, mas através da trajetória biográfica e intelectual, acadêmica e profissional, também, dos cientistas sociais. Então, é o que estamos a fazer. O objetivo...

M.C. – Você sabe que eu tenho um texto onde trato esse assunto, incluindo-me a mim como exemplo, em três linhas que eu...

M.G. – Já vais falar disso.

A.C. – Que tal começarmos a gravar?

C.C. – É. Faremos só um pequeno cabeçalho, só para registrar a data e o local.

[O trecho acima foi gravado antes da introdução da entrevista.]

M.G. – Temos aqui um primeiro bloco de questões, Manuel, sobre os teus dados biográficos e a tua formação, e a primeira pergunta seria no sentido de nos falares das tuas origens, de onde nasceste, da tua família, do teu período de escolaridade pré-universitária. Se quiseres começar por aí...

M.C. – Muito bem. Sim, mal comparado, eu posso dizer que há, às vezes, uma sensação que se tem ao ler *Les mots*, do Sartre: nasci no meio dos livros. Aliás, quando fiz o meu primeiro inquérito, descobri que uma pessoa como eu, que tinha pai licenciado e os dois avôs licenciados – as mulheres, naquela época, normalmente não tinham, mas tinha uma tia, irmã do meu pai, também –, descobri que era zero vírgula zero qualquer coisa na posição portuguesa na minha geração. Portanto, nesse dia, eu expliquei aos alunos, eu julgava que era inteligente, mas não, afinal, os meus avôs eram inteligentes. E isso herda-se, como fios. Nós cientistas sociais sabemos, por mais mérito que atribuamos ao nosso esforço pessoal, nunca é mais, no meu caso, do que uma pequena mais-valia acrescentada.

Eu tenho dois ramos: eu sou meio espanhol. Minha mãe era espanhola, nascida em Tarragona. A minha avó materna era catalã de raiz, de um lugarzinho chamado Calafell, que fica mais ou menos na costa, a meio caminho entre Barcelona e Tarragona, e o meu avô era nascido em Barcelona, mas de origem... do interior, do sul do País Basco, sul, sul, sul mesmo, aquela parte do vinho, da Rioja, do lado norte do rio Ebro, que corre do oeste para leste, e tem esta pequena região chamada Rioja Alavesa, ou Rioja do Norte, por oposição a Rioja do Sul e à província de Logroño. Mas esse meu bisavô, que se chamava Felipe Villaverde... O lugar chama-se Elciego. Existe ainda. Tem vinhas maravilhosas e vinhos não menos maravilhosos e tem um fantástico hotel de sete estrelas do Frank Gehry que pode ser visto. É esse lugar.

Mas, infelizmente, meu bisavô foi-se embora, abandonou. Ou felizmente, porque senão eu não estava aqui, não é? E eu tenho, aliás, um... Eu inventei para mim uma história de que... Porque disseram-me que a minha bisavó era muito bonita, e nas fotografias, já aí com idade, parecia realmente uma senhora muito bonita. E essa é muito basca, porque já se chamava Zubeldia Ibargoitia, portanto, era basca, basca. Enquanto que o meu bisavô era basco, mas castelhanizado. E então, tenho essa ideia que ele fugiu com a Leandra, que era muito bonita, e não quis fazer vinho e foi para Barcelona antes do fim do século. Meu avô nasceu em Barcelona.

O meu bisavô foi trabalhar naquilo que havia na altura de telecomunicações: Morse. Escreveu um livro. O meu bisavô escreveu um livro, ainda no século XIX ou princípio do século XX, sobre Morse. E sobretudo traduziu muito, traduziu muita coisa, do francês e do alemão. Traduziu muitas coisas de história da arte de Espanha. Talvez porque não ganhasse muito bem, para acrescentar, traduziu muito: alguma coisa técnica, mas sobretudo livros... Alguns ainda há em venda, sobretudo os de história da arte, livros alemães, biografias. Já encontrei uma referência no Google. No fantástico Google, encontrei uma referência, um comentário positivo de um historiador americano hispanista a uma tradução que ele tinha feito da biografia daquela rainha Juana La Loca, a filha dos reis católicos, mãe de Felipe II. E eles foram para Barcelona. E o meu avô ficou na Técnica, portanto, na questão das telecomunicações, e faz parte da primeira graduação de engenheiros de telecomunicações na Península Ibérica e, naturalmente, na Catalunha, é claro. Só podia ser, não é? E, sei lá, em 1927, creio eu, por aí, mas nos anos 1920, em todo caso, é ele, por exemplo, que monta a Rádio Catalunha, a emissora de rádio local. Montou como engenheiro.

Nessa altura, entretanto, a minha avó tinha morrido. Morreu muito jovem: minha mãe ficou órfã com três anos e mais um irmãozinho, o meu tio Julio, que morreu outro dia, foi enterrado outro dia, e que é o último Villaverde homem, digamos. Porque eu já não transmito, porque já é o nome da minha mãe e, digamos... A gente mantém. Pode manter. Mas, digamos, como linha forte... E por acaso está se mantendo, porque eu tenho umas sobrinhas e um sobrinho que usam o Villaverde, que é da avó deles. Os meus, por exemplo, os meus filhos não têm o Villaverde. Têm os nomes da mãe e o do pai, que é Cabral, goste-se ou não se goste. Mas eu até não desgosto, embora eu goste muito do lado espanhol.

E entretanto, portanto, a minha avó tinha morrido e eles viviam com os pais, portanto, o Felipe e a Leandra, e uma tia minha, a Glória. E entretanto, a ITT chegou em Espanha, quer dizer, o grande negócio, que depois o Franco acabou por... enfim, respeitou, mas acabou por desfazer, com a Telefónica, do ponto de vista operacional, e a Standard Eléctrica, do ponto de vista fabril. E pegaram no meu avô, que devia ser... era um dos poucos que havia e, enfim, tinha provavelmente algum currículo. Ele também

tem livros publicados, também escreveu, mas coisas mais técnicas, coisas técnicas, muito técnicas, de telecomunicações da época, portanto, também já não servem para nada, porque já não se funciona assim. Mas o que é interessante é que eles escreviam, escreviam e traduziam. Eu traduzi muito, por exemplo, para ganhar dinheiro, a certa altura da minha vida, e eu lembrava-me do bisavô, que também tinha traduzido. E então a ITT instalou-se e o meu avô foi para Madri. Portanto, isso no final dos anos 1920, em 1926 ou 1927, por aí. Sim, é isso. Deve ser por aí – eu já tive informações exatas, mas não me lembro e também não interessa. E pegou na família toda e foram para Madri.

Portanto, a raiz mais catalã tinha morrido. Os outros eram espanhóis, e embora nascidos todos entre Barcelona e Tarragona, eram... E eram muito conservadores, e portanto havia... E havia ainda no meu tio um sentimento, digamos, de orgulho catalão. Mas não político, não politizado. Um orgulho catalão. Por exemplo, meu tio era muito musical e dizia: “Na Catalunha, não se perde uma voz”. E é verdade, porque em cada cinco cantores espanhóis, seis são catalães, que dizer... Tem. Pablo Casals é um dos músicos mais famosos, e a nossa localidade é mesmo do lado da terra de Pau Casals. Pau Casals nasceu em um lugar chamado... e tem lá uma casa que se pode visitar, em um lugar chamado em El Vendrell, que é a cinco quilômetros ou a três quilômetros de Calafell. Esta terminação em dois L é muito local.

E foram para Madri. Ele tinha, portanto, um ótimo emprego. E depois veio a crise... Exatamente, veio a crise de 1929. Eu sei esses pormenores porque pedi ao meu tio para escrever uma espécie de biografia do período mais complicado de Espanha. E quando foi a crise de 1929, cortaram-lhe o ordenado pela metade, de tal maneira que viviam num apartamento maravilhoso e tiveram que mudar para outro, que não era mau, mas já não era tão maravilhoso. Portanto, a crise era a dura, a dura mesmo para os diretores.

Entretanto, a ITT desembarca em Portugal. No princípio de 1931 ou 1932, desembarca em Portugal e tem um escritório. Inicialmente, um escritório de representação, uma administração, um administrador americano, e o diretor técnico e comercial, trazem o meu avô. Viúvo. Entretanto, tinha uma senhora, com quem ele só viria a casar *in extremis*. Meu tio dizia que a Palmira... Chamava-se Palmira. Eu não conheci. Podia ter conhecido. Logicamente podia, mas nunca a conheci. Ele dizia que a Palmira era uma mulher muito interessante, mas não era daquelas com quem normalmente os diretores, os engenheiros diretores das empresas se casavam. Mas casou. Em todo caso, ele era viúvo, podia ter casado, e não tinha casado. Era tudo gente muito católica, muito conservadora.

De certeza que o meu avô esteve, aqui, ligado à conspiração. Porque em grande parte, na Guerra de Espanha, dos militares, em grande parte foi a partir de Portugal. Tanto que o chefe, o suposto... o general Sanjurjo, ele levantou voo e afocinou no mesmo momento, e foi assim que Franco chegou a ser o líder da revolta militar e depois, enfim, da guerra e tudo que se seguiu.

E o meu avô estava aqui e deixou a família em Espanha, em Madri. Eles se comunicavam – minha mãe contava que vinha com frequência a Lisboa. Em 1934, é o meu avô que monta a Emissora Nacional. Foi ele que montou a Emissora Nacional, em Barcarena. Tem até uma fotografia dele a levar a minha mãe e o meu tio, em 1938, para ver Barcarena. Ainda esteve... Eu ainda me lembro dela em Barcarena, portanto, os postos emissores, o *hardware* da coisa.

E rebenta a Guerra de Espanha em 1936 e vai tudo... É uma tragédia para a família, porque a primeira coisa que acontece... Praticamente em outubro de 1936, vêm

à casa onde eles moravam e batem na porta: “Felipe Villaverde”. E ele diz: “Sou eu”. “*Venga usted!*” Até hoje não sabemos onde foi, onde morreu. Desapareceu. Foi um período tremendo, lado a lado. Hoje, fala-se muito do outro lado, mas o meu bisavô desapareceu e até hoje nunca a família teve qualquer compensação, e era todo do outro lado. Digamos, do ponto de vista político-ideológico, ele era quinta-colunista em potencial, mas, em compensação, tinha 75 anos, de modo que isso podia lhe ter valido algum perdão. Mas não valeu. A família ficou...

Entretanto, a minha tia tinha casado, tinha um primo meu, meu primo Paquito, que ainda vive, e a família decide refugiar-se na Catalunha, numa operação difícil. O único homem que fica é o marido da minha tia, que eu nunca cheguei a conhecer, porque morreu... Morreu um bocado em consequência das fomes e do... Este ainda perdeu o emprego porque era sindicalista. Na Guerra Civil é assim, não é? E voltam. Portanto, é uma viagem difícil, complicadíssima. A Standard Eléctrica sempre a apoiar. A Standard Eléctrica apoiou sempre, porque o meu avô estava aqui e não podia ir à Espanha. Porque Portugal... Todo o bloco. Porque o Franco ocupou toda a fronteira portuguesa, e não por acaso, porque tinha as costas quentes, evidentemente, do lado português, e portanto fechou. Então eles foram para a Catalunha: a minha mãe e o meu tio, já com a ideia de se juntarem ao pai, e o resto da família simplesmente foi para a Catalunha porque na Catalunha comia-se, e sobretudo em Calafell. Então, lá, se distribuíram pela família: uns em Calafell e outros em Barcelona, nas casas dos tios e primos.

Entretanto, a minha mãe e o meu tio iam tentando obter a autorização, o que era muito complicado. Aliás, é muito interessante, porque há uma figura republicana trágica, a figura trágica de um homem que chegou a ser ministro do governo republicano, mas que, de alguma maneira... que era um basco, um basco, basco, daqueles de Bilbao, cujos nomes são “Zug”, “Zuk”. É conhecido como Zuga, mas ele chamava-se Zugazagoitia, Julián Zugazagoitia, que depois viria a escrever... Ele fugiu. Saiu. Porque ele foi acompanhando o governo. E durante o período em que foi ministro da Gobernación, que era um cargo de administração interna, portanto, era que ele passava os passaportes... E ele fala disso numa biografia que escreveu e é representado exatamente... Ele representa-se exatamente como o meu tio sempre me o representou: que os tentou ajudar. Ele, em Madri, em outubro de 1936, ele era o diretor do diário do Partido Socialista chamado *El Socialista*, do Psoe, ele era o diretor, e havia um contato qualquer e ele pôs inclusivamente um anúncio. “*Felipe Villaverde. Se busca. Es una buena persona. Quién sabe lo que pasó...*”. Nada. Mas pôs. E mais tarde, por coincidência, é ele que vai assinar os passaportes da minha mãe e do meu tio, autorizando-os a sair. E, na biografia dele, ele conta que aquilo era muito complicado. Era realmente ele que assinava, pessoalmente, a conta-gotas, porque podiam ser fascistas que tentavam sair para se juntar aos outros, através... Portanto, Portugal era... Eles tinham relações com todos os países, menos Portugal, Alemanha e Itália, que eram os três países inimigos, de modo que a passagem para Portugal era problemática. E aliás, a autorização para sair foi para a França. Foram para Perpignan, depois foram para Bordéus e, mais uma vez, a ITT Internacional conseguiu fazê-los sair e lá vieram, no mesmo princípio de 1938.

Portanto, passaram o ano de 1937 todo na Catalunha e em 1938 vêm, desembarcam em Lisboa, onde estava o meu avô. E pronto, e foi tudo muito bem. Só que, entretanto, o meu avô adoeceu e morreu, de um cancro. Aparentemente, não tinha 50 anos. De modo que ficou tudo pendurado aqui em Lisboa com a Palmira, de quem o

meu tio até gostava, porque não tinha tido mãe, coitado, nunca tinha tido, mas a minha mãe, como é normal, odiava a madrasta e sempre disse cobras e lagartos da Palmira. Mas Julio dizia: “Não era tanto assim”.

Finalmente, acaba a guerra. Ainda esperam um bocado... Entretanto, já depois de morrer o meu avô, a minha mãe conheceu meu pai e foram viver para um hotel. Moravam na António Augusto Aguiar e depois foram morar para um hotel na avenida Liberdade, onde o meu pai... Era um senhor já com 30 anos, e bem vividos, segundo consta, segundo ele dava a entender sutilmente, e vivia em hotel, porque tinha... Não alugava. Tinha automóvel. Era engenheiro também, agrônomo, e uma pessoa muito culta, e muito frustrada, porque teria gostado de ter uma carreira mais intelectual e mais cultural, embora ele fosse... Enfim, foi procurar ser um bom profissional como agrônomo. Aliás, o meu pai era comunista. Portanto, são dois... E é engraçado, porque falta uma geração do lado português, porque o meu avô português, o Joaquim Manuel Cabral, a quem eu dediquei o meu primeiro livro – depois eu vos conto essa anedota –, o meu avô tinha nascido em 1863, por coincidência, portanto está, geracionalmente, ao nível do meu bisavô espanhol, desse bisavô, o basco. Mas há os outros, evidentemente, do lado catalão. Mas aí são agricultores e camponeses. Mas os avôs, no caso espanhol, rompem... Têm duas características em comum, mas não a política. A política é exatamente a oposta. Mas em comum têm a mobilidade, portanto, romper, fazer partilhas com os irmãos e com as irmãs – também tinham irmãs –, fazer partilhas e deixar as terras e, digamos, nunca mais voltar. Provavelmente, terão visitado uma vez ou outra, mas romper e refazer a vida na cidade. E o outro lado é o caráter que eu chamo liberal das profissões, mesmo quando não é profissão liberal em sentido rigoroso. Mas, quer dizer, sem propriedade. Portanto, são pessoas que vivem do seu trabalho e o seu trabalho tem uma componente técnica, aquilo que vocês chamam...

A.C. – Os profissionais técnicos.

M.C. – Os profissionais técnicos e culturais e mais não sei o quê. Ou seja, há mais de cem anos, há bastante mais de cem anos. O meu avô português era aí de uma aldeia miserável – aí não havia vinhas –, era de uma aldeia bastante miserável do concelho da Mêda chamada Outeiro de Gatos, que é a parte mais pedregosa e nem sequer tem a parte de vinhas. Porque Mêda ainda tem a zona do vinho do Porto, ainda tem vinho. Portanto, é ao sul do rio Douro, do lado da Espanha. E eu não sei muito bem como, ele... Ele foi fazer o serviço militar para o Porto e assentou praça e ficou. Portanto, ficar era uma saída. Não quis voltar, não voltou. Ele tinha o apoio... Devia ser uma pessoa... Era. Eu conheci-o perfeitamente, durante bastantes anos, mas ele estava muito, muito velho e já estava muito gagá. Mas até era esclerose. Nem era Alzheimer; era até uma esclerose, portanto, desmemória completa no fim. E passava... Nos últimos anos, os dois, três ou quatro últimos anos, repetia sempre a mesma frase, que era a sua identidade. E então, nós íamos... Ele tinha uma quinta grande aqui perto de Lisboa, em Barcarena, por coincidência. E então, parava e dizia: “Tu sabes quem eu sou?”. E nós dois: “Sim, avozinho, sei muito bem quem é o avozinho”. E o avozinho era um avozão, aliás, e nós éramos uns malandros, meu irmão e eu. E ele dizia, independentemente da resposta da pessoa, ele dizia... apresentava-se, fazia a sua apresentação: “Eu sou o dr. Joaquim Manuel Cabral, capitão-de-mar-e-guerra médico, natural de Outeiro de Gatos, concelho da Mêda, distrito da Guarda”. E foi isso que eu pus no meu primeiro livro, “À memória do doutor...”. E assim, ficou... Quer dizer, ninguém pode esquecer quem ele é.

M.G. – Ficou registrado.

M.C. – Coitado, acho que... Ele morreu no Hospital da Marinha, do qual tinha sido subdiretor, e acho que morreu a recitar isso à enfermeira, a perguntar: “Menina, sabe quem eu sou?”. “Sei sim senhor, doutor.” “Eu sou o doutor...” Quer dizer, porque...

A.C. – A história ficou marcada.

M.C. – A esposa, que lhe sobreviveu, minha avó Fábiana... Inclusive, a quem ele referia... Ele perguntava: “Quem é aquela senhora velhinha lá do quarto do fundo?”. E a senhora velhinha... Portanto, estava completamente desmemoriado. Mas era uma pessoa muito interessante; tinha uma biblioteca fantástica; era um maçom. É o típico republicano ascendente. Então ele fez... Portanto, assentou praça no Porto, deve ter chegado a sargento e bateu com a cabeça no teto. Mas havia uma bolsa de um benfeitor português, a quem ele depois vai dedicar, evidentemente, a sua tese de licenciatura em medicina, que é, assim, uma coisinha... Metade são dedicatórias e o resto é um método para curar a tuberculose que eu acho que nunca foi aplicado, e graças a Deus, porque, evidentemente, teria sido fatal para o doente. Qualquer chance que ainda tivesse de se safar teria...

Isto passa-se em 1890 e qualquer coisa. Já tinha ele, apesar de tudo, 30 anos. E então, ganhou uma bolsa do tal benfeitor e fez o curso de medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Mas não tinha, na altura... Portanto, aí estamos ainda dentro do século XIX. Os médicos, na província, eram eles que davam a melhora aos doentes e remédios, e eles depois agradeciam como podiam, com frangos e perus e, enfim, o que tivessem. Os que pudessem, e os que não podiam, nada. E na capital havia os consultórios. Mas os consultórios, era preciso estabelecê-los etc., e meu avô não tinha nada disso. De modo que ele integrou uma coisa que era o embrião do embrião da saúde pública, que era anexo a cada divisão judicial do território, muito provavelmente, ligado ao problema das certidões de óbito, mas também epidemias e tal. Não é que eles pudessem fazer muito, mas tinham que assobiar e dizer: “Vem aí a epidemia. Fujam”. Pronto. Portanto, era essa a função que ele tinha – chamava-se o médico do partido, mas era do partido judicial –, no final do século XIX, em Vimioso.

Vimioso é em Trás-os-Montes, é o fim de Portugal. A seguir, só a Espanha. Eu sou primo do Gilberto Velho e Otávio Velho. Somos primos, porque eles têm uma tetravó... têm uma avó de Vimioso e eu também. Portanto, de certeza absoluta, somos primos. Eles depois são um bocadinho mais morenos do que eu, mas isso já é o lado brasileiro. O lado que foi de cá para lá era, portanto, uma menina de Vimioso mais ou menos da idade da minha avó. Portanto, se não eram primas, eram com certeza amigas, e não sei se não foram à escola juntas. Porque na altura não havia escolas, sobretudo para meninas, e aprendiam em casa.

E então, ele foi para Vimioso, onde conheceu a minha avó, que tem um passado de um nome, dos nomes. A minha avó não tinha nome, ela chamava-se Fábiana dos Anjos. E eu penso que sim, que ela era um anjo. Era uma fera, por sinal, mas era um anjo feito... Sei lá, um bastardo do dono da casa, um familiar, umas origens familiares. Mas integrada na família, nos Freire de Andrade, que depois aparece – meu pai, depois, já se chama Andrade, mas a minha avó não chamava. E faz-lhe uma filha, minha tia Isabel.

Mas não casou logo. Aquilo, viu que não tinha futuro e decidiu voltar à tropa, mas não para o Exército, para a Marinha, e então foi fazer uma carreira de médico naval.

Durante dez anos, navegou muito, andou. E tem livros fantásticos. Em 1902, ele estava na baía de Moçâmedes, em Angola – Moçâmedes era soberania –, a tratar dos marinheiros e, enfim, ver qualquer coisa do que se passava na costa, e ele lia, publicado nesse ano, a *Teoria da literatura portuguesa*, de Teófilo Braga, que é um dos tratados do republicanismo português – aliás, com muita influência do positivismo republicano brasileiro. O meu avô tem essa formação, digamos, de um positivista, e ainda por cima, médico, com os médicos republicanos, Julio de Matos e Miguel Bombarda, que dizer, que são grandes figuras do positivismo, com trabalhos às vezes até... Trabalhos empíricos muito interessantes. O Miguel Bombarda, por exemplo, é muito sociológica, a coisa da pelagra, de perceber de onde é que vinha a pelagra. E portanto, faz parte dessa geração. Eram um bocadinho... Eram de 1850 e tal, portanto, tinham dez anos a mais do que ele. E ele integra, portanto, este movimento de republicanos, que aliás é muito forte na Marinha, e vai ascendendo socialmente. Enfim, era um homem sortudo...

Então, deu dez anos, ele volta. E ia mandando uns postais à Fábia. E não fala da filha, pelo menos nos dois ou três que eu tenho, porque estavam dentro dos livros que herdei. Herdei muito pouco, mas herdei por acaso o Teófilo Braga e essa parte que me interessava e herdei a *Grande Enciclopédia luso-brasileira*, que meu pai já tinha herdado. E eu, quando era miúdo, tinha para dez ou doze anos, treze anos, dormia no quarto dele, na quinta. Deram-me o quarto dele para eu dormir porque ele, enfim, tinha um quarto... Não sei por quê. Deram-me o quarto dele, que era um quarto formidável, com duas varandas e tinha duas estantes em castanho e tinha duas estantes de vidro. Ele tinha uma biblioteca fantástica. Digamos, não sei... Claro, devia ser... E eu ia ver os livros todos, quer dizer, um a um. E um dia, abro o *Discurso da coroa*, de Demóstenes, a edição bilingue de Latino Coelho, e estava lá dentro uma pequena fortuna em dinheiro, porque ele já estava muito gagá. E, felizmente, estava a fatura, estava o recibo, a origem do dinheiro. Porque a soma era uma soma um bocado oblíqua: eram dezenove contos de 1940 e muitos ou 1950. Mas tinha a fatura. Então, tinha vendido trigo, e tinha vendido por dezenove mil escudos. De modo que eu, honesto e espontâneo, fui entregar à minha avozinha. Depois, deram-nos um relógio muito bom, a mim e ao meu irmão, também. E eu perguntei sempre: “Mas ao meu irmão por quê?”, porque ele não tinha feito nada. [risos] E a minha avó: “Ouvi dezenove mil? Dezenove contos!?” E eu disse: “Tá aqui a fatura!” E então, provavelmente, ele estava a contar o dinheiro, e devia ser bastante forreta, segundo meu pai contava... Vocês chamam...

C.C. – Farrista.

M.C. – Isso. E então, alguém bateu à porta, ele meteu o dinheiro dentro do livro para não verem e depois esqueceu-se. Imagine se eu me esquecia do dinheiro?!

C.C. – Perdão, sovina, [o sinónimo de forreta].

M.C. – Sovina. Isso. Sovina, também usamos. Exatamente. Era. E juntou algum dinheiro, exatamente trabalhando e juntando. Nunca exerceu medicina... Fazia só na aldeia, depois, em Barcarena. Mas não, foi sempre funcionário público, aquilo que eu chamo... chamaria, se não fosse um bocado imodesto, estupidamente imodesto... sou de uma família de altos funcionários públicos. Era exatamente o que ele... o que nós

somos. É o que eu sou também: com uma profissão razoavelmente bem definida, com cargos, com isto, com aquilo.

H.B. – Mas é isso mesmo.

M.C. – Exatamente. De modo que quando dizemos... Mas os funcionários públicos ofendem. Quer dizer, porque eu, na minha... Meu pai também foi.

Em mil novecentos e... E então, como é...? Ele conheceu a minha mãe, portanto, ali na avenida Liberdade, num hotel ali, o Hotel Vitória, ou Hotel Avenida, eu acho que era. Hotel da Avenida.

Entretanto, acaba a guerra, ainda esperam um pouco e a minha mãe regressa, com o irmão e a madrastra. Regressam. Ela destinando-se a Barcelona, para se juntar às tias e à avó dela, que tinham ficado, também pela mesma razão de que catalães estavam melhor: tinham as terras e tinham batatas e tinham leite e não sei o quê. E uma das tias era casada com um funcionário em Barcelona e tal. Ainda tenho essa família toda, digamos, os descendentes. Ainda existem. Tenho umas primas segundas que falam pior espanhol do que eu falo, na Espanha. Em compensação falam muito bem catalão. E sobretudo agora, que tem não sei quantas cadeias de televisão em catalão, eles, lá em Calafell, passam-se dias e semanas que não dizem uma palavra em espanhol... em castelhano, porque o espanhol não existe.

M.G. – Tu vais nascer em Ponta Delgada. Como é que é essa...?

M.C. – Eu vou nascer em Ponta Delgada. Então, essa é a parte triste, a qual se deve a minha existência. A minha existência é o produto de uma série de infelicidades, e uma dessas infelicidades foi realmente a minha mãe ficar órfã com 19 anos, com o irmão com 17 anos e a família perdida e dispersa, quer dizer, os homens mortos e a família dispersa, a guerra. E estou convencido que foi um bocadinho por isso que casou com meu pai.

Primeiro foi para Barcelona e depois as tias disseram: “*Cásate con el ingeniero portugués e manda café*”. Porque eles não tinham café e nós mandávamos café, e mandamos café. De outro modo, digamos, há uma grande diferença de idades. Naquela época... Ah! Portanto, minha mãe e meu tio, com a guerra, as escolas fecharam todas, e eles ficaram com as escolaridades completamente trancadas e nunca mais voltaram a estudar. De modo que completamente fragilizada.

Era uma pessoa muito engraçada, muito bem-disposta – o oposto do meu pai –, mas um casamento um bocado forçado pelas circunstâncias, eu diria. Em outras circunstâncias, ela teria esperado mais. Talvez até para casar com o mesmo, mas não precisava ser logo, logo. E casaram, inclusivamente, por procuração. Ele deve ter insistido tanto que casaram por procuração. Ela estava ainda em Barcelona e ele, em Lisboa, e ela vem. E vem no verão de 1939, portanto, foi e voltou. Praticamente ela deve vir em agosto, porque em setembro já eu estava a ser concebido. Entretanto, o meu pai...

Ah, rebenta a guerra em 1939, em setembro de 1939, e o meu pai, depois de evitar até aos 30 anos, foi chamado aqui para aquilo que se chamava a reserva militar e tinha que se apresentar no quartel onde tinha sido... onde lhe tinham dado alta, no sentido médico-militar da palavra, onde ele tinha sido desmobilizado. Deve ser isso. Eu não fiz serviço militar, de modo que estou pouco familiarizado com essa linguagem. E

lá se apresentou, ali em Setúbal, na Infanteria 11, na avenida Luísa Todi, e do outro lado havia a Pensão Setubalense. E então o meu pai foi com a minha mãe para a Pensão Setubalense em setembro de 1939. De modo que eu imagino que foi ali, ou no banco de trás do automóvel, foi ali, digamos, o *take off live*. Deve ter sido ali que eu fui concebido. [risos]

M.G. – Foste gerado.

M.C. – Mas para nascer em outro canto.

M.G. – Numa ilha atlântica..

M.C. – O que aconteceu, entretanto, é que uma colega, uma cientista portuguesa chamada Matilde Bensaúde, que era filha do Alfredo Bensaúde, fundador do Instituto Superior Técnico... Portanto, nós não saímos deste meio. Eles tinham muito dinheiro. Estes, sim, tinham dinheiro. E ele foi convidado para dirigir a parte agroindustrial, a agroindústria dos Bensaúde nos Açores, que era sobretudo chá e tabaco, e portanto, tinham plantação e tinham fábrica. E foram. E fomos. Em fevereiro de 1940, viajamos. Portanto, eu fui para os Açores na barriga da minha mãe, portanto, sou um açoriano bastante pouco açoriano. E num barco italiano, o Américo Vesúvio, em que fugia gente da Europa, assim, e iam para o Brasil e a Argentina, judeus. Meu pai contava que conversava com eles. Só que o meu pai ficou... ficamos em Ponta Delgada. E eu depois nasci, em **junho**, e ali fiquei.

Entretanto, o dr. Alfredo Bensaúde, que já tinha bastante... Ah, entretanto, meu pai... Eu nasci numa casa completamente isolada, onde o meu pai deixava a minha mãe, com 20 anos, sozinha o dia inteiro, enquanto ele ia dirigir as empresas, à cidade. Em 1940, a cidade e as freguesias, aquilo era uma grande distância. Era até a freguesia ao lado, na freguesia de São Roque. Agora, chama-se... Porque mudou de nome. Dividiram e a minha chama-se Rosto do Cão (São Roque). É na Canada dos Prestes.

A canada é um caminho relativamente estreito e com muros muito altos ou plantações de cana muito altas, para proteger do vento marítimo, para as terras e tal. Então, há uma canada bonita que vem cá de baixo, da igreja de São Roque, e que vai lá para cima, para Fajã de Baixo. O Jaime Gama é que me explicou. Ele é o nosso presidente da Assembléia, do Parlamento, do Congresso. É o presidente do Congresso. É a figura número dois. Ele diz que nasceu a 500 metros de onde eu nasci. Mas também, olhando os Açores, não há distâncias muito maiores, aquilo é tudo mais ou menos a um quilômetro. Sim, a ilha tem sete quilômetros de largura e tem uns 50 ou 40 de comprimento. É maior que São Miguel.

Entretanto, o dr. Alfredo Bensaúde adoeceu, e já tinha muita idade; a minha mãe lá conseguiu ir para a cidade e fomos viver para a casa, com eles, na rua José Bensaúde, a rua que vai do mar para o norte. Bem, do mar é sempre. Vai do mar ao mar e atravessa a cidade. Mas, enfim, começa no mar e vai...

M.G. – Começa no lado sul.

M.C. – Sim, começa no lado sul e vai por ali acima. É uma rua estreitinha e tem a fábrica de um lado, e a casa é uma casa muito bonita e tal, onde a minha mãe, no fundo, fazia um bocado de companhia ao senhor. Entretanto, meu irmão nasceu, em 1942, e o

senhor morreu também nessa altura, e depois o meu pai não se entendeu com os herdeiros, porque meu pai era muito cioso e tinha muita personalidade – já saiu um bocado ao filho, ou o filho ao pai. É, nós éramos assim. Hoje...

Quer dizer, devo imenso. Do ponto de vista intelectual, tudo. A minha mãe era a rebeldia e ele era a afirmação. Mas eu dava-me mal era com ele. Ele queria que eu fizesse, que eu fosse, e eu não queria. Mas acabei por ser. Ele acabou por... Eu acabei por ser aquilo que ele queria que eu fosse, mas que nunca disse. Ele fez uma grande sacanice.

Então, a escolaridade: escola oficial...

M.G. – E ficas lá até que ano?

M.C. – Ficamos lá até 1943. Voltamos em 1943. Ele incompatibilizou-se e voltou para o Estado. Porque ele já pertencia ao Estado. Ele fez... Tem ali os primeiros trabalhos que ele fez como agrônomo. Fez o reconhecimento de baldios. Andavam a medir terras, e dormiam nas casas dos agricultores ou nas casas das cabras, porque andavam para lá a medir e eram surpreendidos à noite – na Serra de Candeeiros e em Porto de Mós, se diz assim. E ele entrou para o Ministério da Agricultura. Inclusivamente, a certa altura, o ministro Rafael Duque, já na ditadura... Eles eram...

Quer dizer, nessa altura, o meu pai já veio até a ter uma ligação ao Partido Comunista, através de uma coisa que se chamava o Socorro Vermelho, de ajuda a presos. É por aí. E alguma atividade estudantil. O meu tio... Eu tenho dois tios que tomaram parte na revolta de 1931, contra a ditadura, e foram mandados para Timor. Um, o irmão do meu pai, e o outro, o que veio a casar com uma irmã do meu pai. Portanto, era uma família de esquerda.

E isso é uma coisa que nunca vi estudada, mas que tenho a certeza que era documentável, que é: famílias de classe média liberal, no sentido também cultural do termo, independentes, até certo ponto... O funcionário público não era completamente porque podia ser expulso, não é? Mas, enfim, com independência, com uma profissão. Ele podia sempre ser agrônomo, ele dizia, e não funcionário público. E estas famílias, que começam por ser republicanas liberais, é o fascismo, é o radicalismo da direita que os vai empurrando para a esquerda – para onde não iriam, em circunstâncias normais.

A Guerra de Espanha é terrível. O pai da... Quer dizer, estava todo do lado dos que mataram o meu bisavô e depois inventou uma história para contar à minha mãe, que eu presumo que ela nunca acreditou, que teria... “Ah, o teu avô era uma tão boa pessoa que isso deve ter sido um erro, com certeza. Tu tens a certeza que foram *los rojos*?” Como é que tu tens a certeza, se...? “Ah, mas então foi, com certeza, um engano.” Não foi nada engano. Quer dizer, o senhor era quinta-colunista, era muito monárquico, ultramonárquico, muito católico e, provavelmente, com uma ligação mesmo a uma organização chamada Alianza Española, que era o equivalente da Alliance Française... Não, não é Aliança. É Action Française. Era, no fundo, um grupo tipo maurrassiano, portanto, direita dura.

A minha mãe era falangista aos 16 anos, e era uma criatura enérgica e nervosa, de modo que contava que quando lhe telefonaram – tinham telefone, em 1936 –, telefonaram a dizer que tinham matado a Calvo Sotelo, que é o rastilho da revolta, ela, nervosamente, pegou na lista de telefones de Madri, que, enfim, em 1936 não era como hoje, e rasgou-a. Quer dizer, era uma senhora de temperamento. E rasgou. Bom, devia de ser mais pequenina do que agora.

M.G. – Era bem mais fina, em 1936.

M.C. – Mas não foi mau. Acho que foi um bom exercício. E portanto, era falangista. José Antonio era o ídolo da juventude burguesa, classe média alta, no caso deles, na situação deles, e depois a pique e nunca levantaram. Nunca levantaram. Nunca levantaram, porque não estudaram. Nunca levantaram. E mesmo as minhas primas: são enfermeiras; uma casou com um informático... Realmente, nunca voltaram ao estatuto [status] que o meu avô tinha tido.

M.G. – Queres voltar então a esse percurso e...?

M.C. – Ao regresso. Então, voltamos dos Açores. O meu pai gostava...

M.G. – Para Lisboa?

M.C. – Primeiro fomos para o Estoril e depois para Cascais, em Oeiras, Santo Amaro, a praia de Santo Amaro de Oeiras, que é a parte melhor de... Fez sempre um grande investimento no local e na casa, num certo conforto. Nunca houve dinheiro em casa. Era o dinheiro de um funcionário público. Ao ponto que minha mãe inclusivamente trabalhava, fazia uns tricôs para fora, e a certa altura, quase tinha já uma pequenina... uma microindústria com umas senhoras, umas máquinas que havia para fazer tricôs. E nós, o meu irmão e eu, tínhamos umas camisolas [suéteres] e uns pulôveres muito giros que ela fazia, coloridos e com quadrados e losangos e não sei o que e tal. Parecia o [inaudível], com o pulôver de losango. E fui à escola...

Ah, fui ao *kindergarten*, um *kindergarten* fantástico. Como é que a gente chamava? Chamava Tia Cristina. A tia Cristina era uma senhora suíça... Também, **tive** sorte na vida. Coincidências, digamos. Coincidências que... Circunstâncias favoráveis no fundo, que as pessoas aproveitam ou não aproveitam. A tia Cristina era uma senhora suíça que tinha sido seduzida e que, enfim, era legitimamente casada com o Delfim Santos, o fundador, digamos, da pedagogia portuguesa, que foi fazer doutoramento na Suíça, no método Montessori, ou *something like that*, ou outro mais moderno na época, e seduziu a senhora suíça, a tia Cristina, e trouxe-a para Portugal. Mas depois deve ter encontrado outra mais nova e trocou-a. Mas teve que montar uma casa, uma casa muito boa, uma vivenda muito boa, com um jardim muito grande, em Santo Amaro de Oeiras, onde ela fez o que sabia: montou um *kindergarten*, que é uma especialidade alemã e austríaca obrigatória do século XIX. **Já há** um *kindergarten* em Berlim, por exemplo.

M.G. – As referências.

M.C. – Exatamente. Cento e cinquenta anos de atraso. E eu fui para o *kindergarten* da tia Cristina, como todos os meninos dali, e era muito engraçado, e falávamos francês e cantávamos *Au clair de la lune* no Natal e representávamos a Branca de Neve e os sete anões – eu lembro-me porque eu era um dos anõezinhos mais pequeninos. [risos] Fui sempre dos mais pequeninos. Mas eu tinha quatro ou cinco anos e já sabia ler, e aos seis ou sete, escrevia na ponta da unha. Escrevi história aos sete anos. Escrevi o meu primeiro livro de história, que era uma família aristocrática francesa que eu inventei. Depois fazia [inaudível] o primeiro. Era um bocado paralelo à história de Portugal, quer

dizer... E eram os condes de Saint-Etienne. E também tinha um certo jeito de mãos, e foi assim que fui parar na arquitetura, e fazia uns bonecos e uns desenhos e depois fazia exposições para vender, sobre...

O meu pai deixava livros pelos cantos, parecia o Rousseau, deixava os livros pelos cantos. Quer dizer, a certa altura... E ficava a ler. Aquela coleção da Sá da Costa, *Odisséia, Ilíada, Os Lusíadas*... Eram sete ou oito. E tinha sempre livros presentes, de modo que... Meu pai tinha aí para três mil livros.

H.B. – Ele estimulava?

M.C. – Muito. E muito bem. Em todo o resto era péssimo, mas como pedagogo era genial, de fato. Tudo eu aprendi sem saber que estava a aprender: ia mostrando, fazendo. Eu lhe fazia uma pergunta, ele ia buscar o livro da estante, lia um bocado... “Ah, se tu quiseses, podes ler o resto.” Parecia Rousseau, exatamente, quer dizer, o *Émile*. O *Émile* dizia: “Conta o resto”. E a mãe diz: “Ah, tu podes ler tu”. E o *Émile* lá foi lendo assim. Portanto, há um bocado do *Émile*. Isso meu pai fez realmente muito bem. E o livro era muito valorizado, era um presente fantástico. E depois, os meus tios também me davam e eu aí ia fazendo...

E depois fui para a escola primária, a chamada escola oficial, portanto, o ensino público, que eram boas escolas. O professor primário era muito bom, e dava reguadas, que era uma coisa muito bem dada, sobretudo em rapazes irrequietos como eu. De modo que de vez em quando... De vez em quando, bastantes vezes. Paf! Era bom aluno, mas perdi a boa nota porque já era antifascista e tive um mau comportamento. Porque já nos dez anos de idade, nove ou dez anos, quando a gente acabava a instrução primária, os quatro anos na época, já tínhamos uma iniciação à Mocidade Portuguesa, feita em quartel, e eu sempre tive a mania de fazer xixi fora do penico, como nós dizemos, de modo...

H.B. – Refilão.

M.C. – Era. E então, eu tive um problema e deram-me uma nota menos. Deram-me uma nota, já não sei mais, dois ou três valores ou uma coisa assim. Eu não lembro muito bem como era. Aprovado. Não tive a distinção. Era assim, aprovado com distinção e os aprovados. E eu fui aprovado – pelo professor Manuel Rodrigues Neves, que era um excelente professor, mas muito governamentista, ou governamental. Aquilo era uma disciplina dura.

O meu irmão, por exemplo, não aguentou. O meu irmão, a rebeldia dele, ele acabou por [inaudível] a escola. E, é claro, ele é que perdeu, porque depois não foi professor universitário; foi jornalista. Como ele dizia, especialista de ideias gerais. “Sou especialista em ideias gerais.” Era, com certeza, um rapaz tão inteligente como eu, mas teve o azar de ser o segundo e ficou ali um bocado oprimido. E o meu pai jogava um bocadinho conosco, então, ele era o bonito e eu era o inteligente. E eu sofria porque queria ser o bonito e ele sofria porque queria ser o inteligente. Quer dizer, e ele tentava dividir. Mas nunca conseguiu. Nunca. Até o fim tentou nos dividir e nunca conseguiu. Paz à alma do meu pai e do meu irmão, que, embora mais novo, já morreu há onze anos. Mas nunca conseguiu. E nós fazíamos bloco com a minha mãe.

Aliás, é uma coisa curiosa que eu só percebi retrospectivamente: nós tratávamos a mãe por tu e o pai, por pai ou por senhor. E era o senhor. Ele ficava lá na sala sentado,

a ouvir música, Beethoven, Mozart e não sei o que, e nós, os três, na cozinha a fumar cigarrinhos às escondidas. E íamos ao cinema. Minha mãe adorava o cinema. E eu também tenho uma paixão por cinema, que também vem do lado da minha mãe. E pouco tempo antes de morrer, uma vez ele disse-me... Tínhamos umas conversas difíceis, e um dia, ele disse-me assim: “Teu problema é que gostavas demasiado da tua mãe”. Ele sabia tudo que se pensava. E eu respondi-lhe logo: “Não, esse problema a existir é seu; não é meu. Eu estou certo, eu estou de acordo com os livros. Sou suposto, e primogênito ainda por cima”. E depois, um dia, disse-me... Tinha 80 anos. “Tu achas que eu devo fazer uma psicanálise?”. Eu disse: “Pai, agora?! Há 70 anos, acho que sim. Porque eu vejo que as brigas que tinha com seu pai... Evidentemente, poderia ter resolvido por qualquer coisa”.

[O trecho a seguir foi gravado enquanto era feita a troca de fita.]

A.C. – Temos que interromper.

M.C. – Muito bem. Já gastei uma caixa?

M.C. – Olha o tempo gasto na escola primária!

A.C. – Uma hora para acabar a escola primária. [risos]

M.C. – A culpa é vossa. Vocês já sabem... Eles me conhecem perfeitamente, sabem que eu não posso chegar aqui...

A.C. – Mas agora precisamos ouvir toda a tua fase de jovem, de estrangeiro, de rebelde e essas coisas todas.

M.C. – A fase rebelde.

H.B. – Não, a gente já disse a ele que ele vai terminar no Rio.

M.G. – Claro!

M.C. – Pois combina, para eu acabar, porque aqui não vamos conseguir.

M.G. – Aqui, não vamos sair da adolescência, não é?

M.C. – Da adolescência, eu procuro não sair nunca.

H.B. – Mas que delícia! Quer dizer que você é catalão?

M.C. – Tenho uma pinta de sangue. Mas era o mais camponês dos sangues. Porque o meu avô, eu não contei, então agora... para não voltar atrás, dez anos andou fora e deixou a Fábria e a Isabel lá em Vimioso. E ao fim de dez anos voltou – já tinha, portanto, garantida a sua situação –, foi buscá-las, casou-se e legitimou a minha tia Isabel, que se chamava Isabel dos Anjos e que se passou a chamar Isabel dos Anjos Cabral. Foi a Outeiro de Gatos, fez partilhas com a irmã e, virtualmente, nunca mais

puseram os pés nem num sítio nem noutra, salvo foram padrinhos de casamento de alguém lá em Outeiro de Gatos, da família do Luís de Sousa, o nosso colega Luís de Sousa que está ali. Somos primos.

Eu estive na banca dele em Florença, e depois de ele fazer as provas, ele disse-me: “Professor, é dos Abrunhosas de Outeiros de Gatos?”. E eu me lembrava que lá nas dedicatórias do meu avô tinha lá uns Abrunhosas, e eu disse: “Sim, devo ser”. “Porque o meu pai também é.” E depois conseguiu saber que o meu pai e a minha avó foram padrinhos de casamento, não sei se de um tio dele, ou de um tio-avô dele, ou qualquer coisa do gênero. É porque tinha vindo um médico de Lisboa que tinha sido muito falado lá em Outeiro de Gatos. Tinha vindo um médico de Lisboa. Eu disse: “Esse médico de Lisboa devia ser ele, de fato”, um Abrunhosa. Porque os Abrunhosa devia ser a família importante, pois os outros eram pendurados no clã. No fundo é um clã. E de fato tinha lá os Abrunhosas.

E então voltou e foi... E depois tem mais cinco filhos, com dez anos de diferença de minha tia. O meu pai é o segundo da segunda vez, portanto, é o terceiro, e nasceu em Lisboa em 1908. É da idade do Manoel de Oliveira, exatamente, com uma diferença... Já posso?

[Volta a ser gravado o depoimento.]

Então, eu tive uma experiência... Depois fui para o liceu, como nós chamamos o ensino secundário. Eu adorava a escola. Sempre adorei. No fundo, todo o sofrimento que sentia em casa – meu pai e minha mãe davam-se mal, eu tinha brigas com o meu pai, o meu irmão... A certa altura, o meu irmão esteve doente, uma daquelas doenças contagiosas, primo-infecção, uma espécie de gânglios, uma espécie de tuberculose mitigada, e então eu tive que sair de casa. Portanto, eu devo ter sentido um horror: fui expulso de casa, do colo da minha mamã, por causa daquele fedelho que estava ali. Isso tudo... Ao ponto... Encontravam-me às vezes às seis ou sete da manhã a estudar, já a estudar.

Nunca ninguém me mandou estudar, nunca foi preciso. Sempre gostei. Portanto, era uma sublimação freudiana pura e que foi sempre canalizada por aí. E no liceu correu tudo muito bem, mas eu fui sempre muito indisciplinado e rebelde e tinha muitas más notas de comportamento, que me estragavam o quadro de honra. Eu tinha notas para o quadro de honra, mas depois era corrido do quadro de honra por **mau-comportamento**. Mas era eleito o chefe de turma sistematicamente, e era destituído a seguir, pelos professores. E sobretudo nos dois primeiros anos.

M.G. – Em que liceu estudaste?

H.B. – D. João de Castro. Quer dizer que eu fico muito aborrecido quando mexem lá no D. João de Castro, que era um liceu ótimo, novo. Evidentemente, com a Mocidade Portuguesa, com uma cadeia autoritária duríssima, mas que tinha uma virtude, que era a disciplina. Quer dizer, a gente não tinha muitas hipóteses de sair. Ou então saía de todo. E o grupo escolar era superseleccionado. De vez em quando aparecia um filho de um operário, filhos de empregados e tal, mas, quer dizer, era uma composição social muito culturalmente definida, mais do que economicamente. É o nosso pão de cada dia. Muito seleccionada do ponto de vista cultural. Portanto, era uma reprodução brutal que havia.

Eu não tinha vocação, gostava um pouco de tudo. Tem sempre... Matemática nunca foi a minha especialidade, embora até tenha sido a melhor nota que eu tive no

curso dos liceus, foi a matemática. Porque eu gosto. Eu gosto da estatística. Aliás, eles sabem. Eu não sei lecionar a estatística, mas sei pedir: “Faz-me aí uma fatorial. Faz-me aí uma regressão. Faz-me aí...”. Agora, já são aquelas coisas mais complicadas que faz aí o Cícero. Porque temos aqui um psicólogo brasileiro magnífico, os métodos quantitativos, e é só atravessar o corredor e ele resolve. É o nosso [inaudível].

E correu muito bem. Depois...

Ah! O meu pai tinha escolhido a residência em Oeiras porque... Nós voltamos em 1943 e fomos para Santo Amaro de Oeiras em 1944 e estava prevista a construção de um liceu novo. O edifício estava previsto, como agora: lá vem o TGV um dia. Então, aconteceu mais ou menos como o TGV. Quer dizer, quando eu cheguei à idade dos dez anos, o liceu ainda estava a ser construído. Mas dois anos depois, inaugurou. Muito pequeno, um ambiente fantástico. O meu irmão fez o Liceu de Oeiras todo, porque era dois anos mais novo. Entrou... Ele inaugurou o Liceu de Oeiras e inaugurou tudo e foi por ali afora. Tínhamos alguns professores muito interessantes. O mais interessante era de todos era o de educação física, um homem chamado José Esteves, que tem mais de 90 anos e que escreve livros sobre desporto e que era um... Era um celibatário. Nunca se meteu com ninguém, que eu saiba, até hoje. É um celibatário. Não sabemos como é que ele resolve o problema. Não tem problema. Pronto. E morava perto de nós, de modo que caminhávamos, falávamos. E ele escreveu as memórias e fala de mim e de meu irmão, que éramos os mais politizados, por causa do meu paizinho.

Meu pai explicava assim... Em 1949, os comunistas entraram em Pequim, e então o meu pai explicava: “O Mao Tse-tung, embora se chame Mao, é o bom”. Foi assim que eu fui politizado. [risos] O Mao, o nome é...

H.B. – É só no nome.

M.C. – É só no nome. “Ele é o bom.” E eu tinha pesadelos. Tive uma daquelas doenças, um daqueles febrões que as crianças tinham – agora já nem têm, porque agora já há remédios para tudo –, e então levantei no meio da noite a delirar com a Guerra da Coreia, a dizer: “Pai, os americanos bombardearam a Coreia!”. Eu tinha dez anos de idade. Pobre criança. Mas, enfim, serviu para alguma coisa: fiquei completamente torcido para o resto da vida, com o vírus, o vírus da história, o vírus da política. História e política, política e história.

A sociedade também... Essa era mais vista do lado da agricultura, *d’économie*, [inaudível], a economia, a agricultura. Meu pai foi para a agricultura, depois estudou no Instituto Superior de Agronomia, e levou os irmãos todos, porque Portugal sendo um país essencialmente agrícola, ele ia ajudar ao desenvolvimento de Portugal. Foram todos ajudar. E viu-se.

E então, vim para Oeiras, um liceu muito simpático, muito... um grupo, e tudo bem. E se o D. João de Castro já era da média para cima, este, upa! upa! Porque era toda a zona das praias, que vão até Cascais e tal, em que... E é engraçado, porque tanto o D. João de Castro como o Liceu de Oeiras, como Oeiras, portanto, Alcântara, tinham uma componente operária. Eu sempre soube que havia operários, porque a gente passava por eles. E aliás, com um olhar que retrospectivamente eu identifiquei como um olhar de classe, digamos assim, de classe *versus* classe, ou classe diante de classe: aqui vão os meninos, ali estão os trabalhadores. E naquelas fábricas todas cá de baixo, porque nós ficávamos no comboio em Alcântara e depois... Em geral, íamos apanhar um autocarro ali no Largo do Calvário e depois íamos. Íamos a pé em geral. Mas íamos para Belém,

onde tinha outra fábrica, a Central Tejo, e enquanto esperávamos o comboio, jogávamos bola ali naquele sítio onde agora há carros para cima e para baixo, aquela rua larga entre a estação de Belém e a Central Tejo. De modo que a mim não me digam, como me têm dito alguns colegas meus, que não havia indústria e classe operária. Em Oeiras havia, e muita.

Havia, aliás, dois clubes desportivos, que eram o Flamengo e o Fluminense, como sempre, como o Benfica e o Sporting. Depois juntaram-se. Havia o Sporting de Oeiras e a Associação não sei o quê. O Sporting de Oeiras era hóquei, jogavam hóquei, patins. Eu também joguei, mas não tinha jeito nenhum. Tentei os esportes todos, mas não era muito dotado. Também, empurraram-me: “Vai estudar, quer dizer, que tens mais jeito”. Um bocado o patinho feio. Mas em contrapartida, na escola, as coisas corriam bem. E quando cheguei ao quinto ano, que era o... Não, na altura, a escolaridade obrigatória era nove anos, para ir à terceira. Sim, eu fui para a escola nos anos 1940. Quer dizer, eu entrei no liceu em 1950, portanto, 1950 e 1951, e saí em 1957 e fui... E foi aí... Bem, eu não sabia o que queria fazer: mudava todos os dias. Meu pai levava-me ao Instituto de Orientação Profissional, onde se fazia os testes...

H.B. – Ele tinha algum interesse especial para você?

M.C. – Não, não. Não era por aí. Não. Ele deixava. Primeiro queria ser médico, como meu avô. Fui lá ao Instituto de Orientação Profissional... “Sim, pode”. Agora eu sei qual é o meu Q.I. da época, porque entretanto, quando fui vice-reitor, um dia eu fiz uma visita oficial e contei a história, que tinha estado ali com 15 anos de idade. “Ah, sim? Em que ano?” E foram à procura e mostraram-me. Eu sei o meu perfil, segundo aqueles critérios da época. Não, não posso dizer. Era sinuoso e complexo, justamente; não é uma coisa linear. Todos temos... Talvez haja os superdotados, mas há outros que, enfim, são dotados para alguma coisa, mas não são super.

De modo que fui lá. Depois, portanto, fiz... Depois nós tínhamos que escolher, uma escolha bastante diferenciada. Até era menos diferenciada do que parecia, mas, enfim, parecia muito diferenciada. Terminávamos o quinto, que no fundo era o nono ano de escolaridade, que agora é a obrigatória, depois tínhamos o curso geral dos liceus... Não, isso era ao quinto ano. Depois tínhamos dois anos, no fundo, que eram um preparatório para a universidade. Um bocado como agora também, aqueles três anos que só interessam se é para continuar. E eu continuei, claro. Voltei para o D. João de Castro, onde, entre outros colegas, tive...

Tive muitos colegas. Quer dizer, já estão todos... alguns já morreram, outros já foram reitores, já foram... Um engraçado é o pai deste que é Silveira, o Luís Lingnau Silveira. O filho é igual ao pai, é a cara **do pai**. Ele agora é procurador, mas fez um trabalho muito interessante como vice-provedor. Ele foi o vice de vários provedores de Justiça, que é o *ombudsman*. É um homem do direito, mas muito... Enfim, é uma pessoa muito interessante. E outros, e muitos outros. O primeiro reitor da Nova, esse foi meu colega quase que de carteira, o Esperança Pina, que foi médico.

Portanto, todas essas pessoas iam... Havia ainda bastantes que iam para a carreira militar, para a Escola do Exército. A Escola do Exército era uma maneira, também, de fazer uma carreira. No fundo, são funcionários públicos, como nós.

E então fiz. E aí é que mudava todos os dias. E a certa altura, apareceu a arquitetura. Eu não... A parte da física e da química, realmente, não era... Isso é que, de fato... E então, isso desviou-me da medicina. E tínhamos um grupo de jovens artistas,

um dos quais muito dotado, que é o Jorge Martins, que é um rapaz da minha idade, que eu conheço, portanto, desde os dez anos de idade, ou seja, há 60 anos. Ele esteve doente, mas, enfim, acho que ele está melhor. E talvez, esse grupo atraiu-me, e desenhávamos, fazíamos...

Tínhamos um professor de desenho muito interessante, um homem hiper... comunistíssimo, que tinha participado nas Exposições Gerais de Artes Plásticas, quer dizer, que era do neorrealismo, quer dizer, contra as coisas do Secretariado Nacional de Informação (SNI) – antigamente, Secretariado Nacional de Propaganda –, que era o Ministério da Cultura do regime, e ele despontou, de fato, e organizava exposições, quando nós tínhamos 15 ou 16 anos. E eu convenci-me então que queria ser arquiteto.

Também, nunca pensei em ser artista propriamente; queria uma coisa minimamente séria. E meu pai não achou mal. Lá me levou ao instituto, disse: “Ah, ele agora quer ser arquiteto”. E eles disseram-me: “Também podes”. Portanto, mais ou menos tirando físico... Realmente, físico é que eu não podia, de certeza. Faltava-me ali qualquer coisa na matemática, de fato, sobretudo a parte... A física e a matemática, eu não poderia. Ou poderia, mas com dificuldade.

Entrei em arquitetura. E então aconteceu uma coisa, uma circunstância que até poderia parecer desfavorável e que se revelou favorabilíssima, mas só depois. Só depois é que eu percebi. O regime decidiu introduzir uma reforma nos estudos da arquitetura – de belas artes em geral, mas sobretudo da arquitetura – para tentar dar à arquitetura aquilo, enfim, que eu tenho um artigo a mostrar, que não se pode dar, que é fazer da arquitetura uma ciência, uma coisa séria. Não, a arquitetura não é uma coisa séria; é uma arte, é uma expressão. Mesmo a resistência de materiais que tentaram ensinar-nos era completamente insuficiente e caíam os prédios todos, e portanto, a gente teria sempre que ir ao engenheiro pedir. Acima de dois ou três andares, já não dava. Porque até lá [**inaudível**] não aguentavam, quer dizer, as paredes, cada vez mais largas. As paredes eram tão largas quanto, digamos, o pé-direito.

E tentaram. E isso foi decisivo. E demorou muito tempo para pôr em prática a reforma, de modo que eu tive... nós tivemos, este grupo teve aquilo que na minha autobiografia será “o longo verão de 1957”, em que nós estivemos seis meses à espera de que recomeçasse o curso, de que reabrisse o curso de arquitetura. E durante esse período foi fantástico: nós roubávamos livros de Fernando Pessoa, ainda as edições... não originais, até porque ele, as originais, praticamente não tinha nenhuma, mas as primeiras, portanto, aquelas da Ática, do Gaspar Simões. E nós líamos na livraria ou rapinávamos o livro. Porque naquela altura, não tínhamos quase dinheiro nenhum e então tinha que ser uma leitura emprestada, ou emprestadada. E desenhávamos, e pintávamos, e viajávamos. Viajávamos era que íamos à outra banda e voltávamos. E eu escrevia poesias. Enfim, realmente, a adolescência tipo Radiguet, tipo...

Não havia raparigas ainda. Aos 17 anos, eu, nada, e os outros nossos amigos também não. Não tínhamos amigas. Quer dizer, era um grupo homo, um grupo de adolescentes de... Éramos muito inocentinhos, graças a Deus. Aliás, alguns casaram-se logo, porque... Quer dizer, não sabiam como haviam de fazer, então casaram-se. E arranjam umas parvas que se casaram com eles, mas nenhum ficou casado com elas até o fim porque, evidentemente, era, manifestadamente, uma precipitação. Eu consegui, mesmo assim, arranjar uma namorada e não me casar – já um bocadinho mais tarde –, uma artista que eu tinha conhecido naquele ambiente, do qual eu, entretanto, tinha saído. Porque por um lado, a carga de química e de matemática e de estatística...

Fui aluno do pai das vossas colegas, as filhas do grande matemático e estatístico português que são professoras do ISCTE, o Tiago de Oliveira, que era, seguramente, um gênio da matemática, mas um professor absolutamente terrível, porque eu entrei e saí da Faculdade de Ciências – as aulas eram na Faculdade de Ciências – e eu nunca apercebi nada. Copiava tudo, mas o tempo de copiar, eu já não sabia dizer sequer por onde é que começava exatamente. Já tinha contado essa história ao António. E depois, tinha química, a séria química orgânica, quer dizer, para ganhar o Prêmio Nobel. E eu comecei a desgostar daquilo, e nunca mais começava... Eu nunca escutei uma aula de arquitetura. Depois começou a história da arte, que começava nos sarcófagos, nas mastabas, portanto, a primeira vez que a humanidade pôs três pedras em cima umas das outras *purposely*, quer dizer, de propósito, digamos, deliberadamente, e fizeram aquelas primeiras pirâmides. Depois fui ver, em Sakara, e fiquei... Quer dizer, foi a minha... O resto da história da arte, que eu conheço bastante, já foi tudo feito por conta própria e nunca, nunca, nunca organizadamente. O que sei de arte e um bocadinho da história da música é tudo dos catálogos, das exposições, dos museus, dos discos, aqueles papeizinhos. Agora, por acaso, sobre... Compro e leio e fico onde posso, mas não dá para ler muito, infelizmente.

C.C. – Já no ano seguinte, o senhor abandonou o curso de arquitetura.

M.C. – Abandonei imediatamente. Demorou três meses. Entrei por uma porta e saí pela outra, como eu digo. E peguei uma briga com o meu pai para desistir. Fui pedir dinheiro ao meu pai para comprar o material, que era caro. Eu lembro perfeitamente, custava... Um conjunto de material custava 300 escudos e o meu pai ganhava três mil escudos. Apesar de tudo, era... Quer dizer, era um material [inaudível], portanto, o meu pai... Quer dizer, era dinheiro, mas ele podia perfeitamente pagar. E ele ia pagar. Mas quis controlar, quis *monnayer*, quis trocar por vassalagem, e eu disse: “Meta o seu dinheiro lá onde eu estou a pensar, e se me quiser ajudar, arranje-me um emprego. Vou trabalhar”. E o sacana arranhou-me um emprego, coisa que eu nunca teria feito, evidentemente hoje. Eu teria dito: “Não sejas parvo, espera aí, fica aí”, e teria sido um arquiteto provavelmente mau.

Foi fantástico. E então fui trabalhar numa organização da agricultura, é claro, porque era onde ele tinha os amigos. Então, fui para a Seção de Contabilidade de uma coisa chamada Federação Nacional dos Produtores de Trigo [FNPT], que era um *open space* de 1958. Isso passa-se em 1958. Eu ainda não tenho 18 anos.

Eu trabalhei até hoje, desde 1957 até hoje, sem nunca parar. Quer dizer, só tive férias pagas, até hoje. Tenho 52 anos, dos quais só me reconheceram 44 anos de descontos. Mas, enfim, dá para ir descansar. Até tenho uma reforma francesa já. Agora perdi o...

A.C. – Foste trabalhar.

M.C. – Sim, fui trabalhar. Então, era um *open space*, só homens, e ganhava tudo mil e cem escudos, ou menos, mil escudos. E depois, fazíamos todos horas extraordinárias, porque ninguém fazia nada durante o tempo, e como os mil escudos não chegavam, para ganhar mais cem, depois fazíamos o trabalho na hora extraordinária. Bom, era uma coisa horrível. A contabilidade era a contabilidade à antiga, era copiar de um papel para o outro. Ao fim de dois ou três meses, fui implorar ao meu pai meter-se uma cunha para

eu mudar de seção ou qualquer coisa. E, fatídico, puseram-me na Seção de Biblioteca e Informação, onde eu li o Max Weber pela primeira vez, a *História econômica geral*, um livro fantástico, tão bom ou melhor que os outros, e mais realista: a economia é uma... Quer dizer, ele segura um bocado a malta. E assim foi.

E eu fazia o jornal, porque eles distribuíam um jornal aos produtores de trigo – era um grande jornal, propaganda, propaganda, quer dizer, era absolutamente... Quer dizer, conheci o regime por dentro. Entretanto, tinha uma vida paralela, com os amigos que tinha feito, que devia às pessoas mais velhas, através de um movimento importantíssimo de autoaprendizagem, de autoformação, que foi o Movimento de Cineclubes. Usávamos o cinema. Organizávamos sessões de cinema. Mas organizado, quer dizer... Um deles, o Cineclube Imagem, do qual eu cheguei a ser dirigente, era uma escola de quadros do Partido Comunista. Tanto que a Pide até dizia... Havia uma história famosa da Pide. A Pide prendeu um fulano e ele tinha o cartão do Cineclube Imagem, era sócio, e o Pide foi a correr e dizer: “Tem o cartão do partido! Tem o cartão do partido!”. Era brincadeira, mas era para dar a ideia. E, de fato, éramos bastantes, porque depois eu os conheci nos partidos. Eu dizia: “Ah, tu também?!”.

M.G. – Isso é em que ano, Manuel?

M.C. – É logo em 1957 e 1958. Portanto, esse verão, nós entramos nesse movimento. E eu fui mais. Em 1958, há o grande estremeção, o primeiro realmente grande estremeção – em todo caso, no meu tempo – do regime, que é a famosa candidatura presidencial de um general chamado Humberto Delgado, que eu fiz espontaneamente, com meu irmão e uns rapazes lá do sítio. E depois fomos fazer umas ligações, e no final da campanha...

Um dos meus contatos era um artista, um pintor chamado **Mequias Capinan**. Ainda outro dia nós estávamos a lembrar estas coisas. Até tivemos uma namorada em comum. É como quem diz: eu gostava de ter tido uma namorada em comum com ele. Porque outro dia houve um filme do Silva Melo e apareceu “retrato de rapariga” e eu disse para o **Mequias**: “É a Mônica!”. A Mônica era lindíssima. E ele era mais velho, e ela era mais da minha idade, mas é por isso mesmo que ele tinha vantagem. Mas a Mônica morreu. Morreu jovem. E morava lá no fim da minha rua. Ele tinha um irmão que morava lá em Oeiras e então convidou-me para uma coisa que chamava Ação Socialista. Mandou-me ter uma entrevista com um advogado, uma pessoa muito interessante que esteve no Brasil muito tempo exilado chamado Manuel Sertório, e ele deu-me uma literatura para eu ler e eu achei que aquilo era fraquinho, era um vinho muito aguado, e eu queria uma coisa mais vermelha. E então fui à procura do Partido Comunista e encontrei. Meu primeiro...

Não foi com o meu pai porque o meu pai estava completamente desativado. O meu pai tinha tido imensos dissabores e depois, pronto, e meteu-se em casa, neurótico e completamente desativado. No fundo, tanto mais comunista e stalinista quanto desativado. Porque se tivesse andado na guerra, apanhava e levava, dava e apanhava e iria evoluindo. E isso foi o meu pai. O Partido Comunista é uma escola. Você nunca esteve?

H.B. – Não.

M.C. – Não? Ah, não sabe o que perdeu! [risos] Ali nos anos 1950 e 1960, foi uma escola fantástica. E depois, até fiz a saída. Entrei por meu pé e saí por meu pé. Mário-

Henrique Leiria. Nós tínhamos um grupo. Morávamos ali na Linha e vinham pessoas de Parede, Carcavelos, de Oeiras, Algés, e desembocávamos no Cais do Sodré, onde tinha cafés. Um desses cafés era propriedade de um rapaz chamado Pepe Blanco, pai da atriz Rita Blanco e irmão de uma rapariga chamada Teresa Blanco que era casada com um rapaz chamado Viriato Camilo, que dirigia o Partido Comunista em tudo que tinha que ver com espetáculos, cinema, teatros, amadores e profissionais, etc. Era ele, vim a descobrir posteriormente, o controleiro dessa seção toda. E eu falei ao... E a gente tinha conversas, enfim, que dava para perceber alguma coisa, evidentemente, e eu disse ao Mário-Henrique Leiria... Mário-Henrique Leiria é um escritor português interessante que também esteve exilado no Brasil, bastante mais velho do que eu. E eu disse: “Você não sabe? Falaram-me não sei o quê...”. Qualquer coisa. Não me lembro. Mas, enfim, dizer o máximo dentro da prudência. E ele disse-me: “Ah, não sei nada. Olha, eu posso perguntar”.

E tanto perguntou que quinze dias ou três semanas depois aparece-me o Viriato, que eu conhecia perfeitamente dos nossos encontros e que diz: “Então. Soubemos que tu estavas interessado”. “Ah, estou.” “Então, vais ficar aí de molho”. Chamava-se simpaticamente. Pagava uma cotazinha – cinco escudos, eu acho que pagava. Dei-lhe vinte e cinco tostões e depois eu passei a pagar cinco escudos. E recebia a imprensa: recebia *O militante*, que era o órgão teórico, para ir estudando, e o *Avante!* para distribuir. Davam-me 20 ou 30 ou 50 exemplares e eu tinha que distribuir. Arranjava companhia – eu usava sempre o meu irmão, que era dois anos mais novo e que fazia tudo que eu mandava – e lá íamos, e lá fugíamos da polícia, uma vez ou outra, quando fazíamos as nossas distribuições, e ia às fábricas de Oeiras, pôr nas portas. Provavelmente, a maioria não chegou a parte nenhuma, mas, enfim, assim que se fazia. Era muito frustrante.

E ao fim, não sei, de seis meses, eu devia ser um bom estudante, e então disseram-me: “Vais ser promovido a militante”. Eu não sei se ele me fez algumas perguntas. Se calhar até fez, sem eu saber, quer dizer, pronto, ia conversando. Eu sabia tudo, quer dizer, porque já sabia de casa. Exatamente. Também ele contava. “Então, vamos ter uma reunião”. Aquilo era impressionante: um domingo inteiro; as casas... Havia uma separação...

Tudo isso está hoje bem razoavelmente conhecido, graças sobretudo à biografia do Álvaro Cunhal, que é uma história do Partido Comunista feita por uma espécie de colega nosso, *a kind of colleague*, que é muito meu amigo, devo dizer, que vejo pouquíssimo, mas vejo uma vez de dez em dez anos, quando ele faz cinquenta, sessenta, de modo que eu espero estar vivo para os setenta, que se chama Pacheco Pereira, mas que vejo todos os dias na televisão, em compensação, e que é uma figura. Como se diz no Brasil: tipicamente, uma grande figura. É tortuoso, nietzscheano, sombrio e tal, mas uma grande figura.

E então fomos. E havia uns setores protegidos, de pessoas que só davam a logística. Portanto, a logística estava separada da orgânica. E então lá fomos – fatalmente, no bairro da Madre de Deus – para a minha primeira reunião, um domingo inteiro. Agenda: organização e fundos. O Partido Comunista era: pessoas, pessoas para entrar, pessoas para sair, pessoas para deslocar, para tirar, para pôr, para deixar, para levar, e o resto era fundos, arranjar dinheiro. “Tu vais pedir... A quem é que tu podes pedir? Conheces alguém rico que possa dar?”. E era isto.

E eu, logo na primeira reunião, expulsei um fulano. Sabes quem é? O que muitos anos depois veio a ser o marido da Miriam Halpern: o Carlos Veiga Pereira, que era muito reacionário, embora membro do partido, e que tinha uma influência muito

deletéria sobre um camarada, o Raimundo, que eu não sabia quem era. E ele chamava-se Jorge, camarada Jorge, que eu não fazia a menor ideia de quem fosse, e tinha uma influência muito negativa sobre o camarada Raimundo que, em compensação, seria um camarada muito promissor. E a única maneira era expulsar o Jorge. E assim, expulsamos. E eu também votei a favor da expulsão do Jorge, evidentemente. Quer dizer, não ia desagradar logo no primeiro dia, não é? De modo que era assim.

Quem é que nos controlava? Eu fui controlado, durante dois ou três anos, por uma pessoa que nunca identifiquei, que eu imagino que possa ser o Rogério de Carvalho, mas nunca consegui... Uma vez encontrei-o, depois de 25 de Abril, no Coliseu, num espetáculo, e fui a correr atrás dele, mas ele desapareceu. Ele não viu. Apresentava-se como Silva, o pseudônimo mais neutro que...

Meu primeiro pseudônimo foi Mateus, não sei por que, e depois foi Castro. Tu vais dizer: “Ah, claro, tu escolheste por Fidel Castro”. Mentira. Foi o partido que me batizou. Não tínhamos nem essa iniciativa, nem esse espaço.

E assim foi. E trabalhávamos. E depois houve um momento muito forte, em 1961 e 1962, em que eu, como legal, portanto, que estava... Outros estavam semilegais e outros estavam *carrément* clandestinos, e eles faziam-nos trabalhar. Mas aí nós ficávamos sozinhos, e tínhamos as reuniões, e tínhamos que tomar decisões, e tínhamos que ir para frente ou para trás, e depois o partido vinha e perguntava: “Vocês têm a certeza que fizeram bem?”. “A gente não tem certeza nenhuma, pá!” Quer dizer, aquilo era na hora.

Bom, tanto não tínhamos certeza nenhuma que houve um movimento fantástico que depois... evidentemente, com uma grande exposição à polícia, e depois, no fim, foi tudo preso. Eles, como sabem muito bem, eles, provavelmente, também já estavam fartos de perceber, mas preferiram provavelmente seguir-me, acompanhar-me. Nós éramos vigilantíssimos, devo dizer. Porque uma vez tinha uma reunião...

Ah, eu controlei a parte dos cineclubes e dos jornalistas. Eu controlei o movimento que fez pela primeira vez entrar um representante, uma pessoa nossa no Sindicato dos Jornalistas, que era um homem que já morreu, que era um escritor: Mário Ventura Rodrigues. Depois terminou a carreira a dirigir o Festival de Cinema de Troia. Todas as pessoas têm história, e eu conheço-os todos e eles conhece-me todos e é muito engraçado quando nos encontramos. “Estás bom?”.

Finalmente, chegou também o meu dia. Porque eles vieram um bocado de cima para baixo, sobretudo... Eu cheguei a ter um estudante, por causa dos cineclubes, que era um rapaz que é o pai do filho mais velho da Ana Madureira, da prima do José Madureira, que é um médico chamado Dante Marques, que assinava... que foi artista surrealista. É uma pessoa magnífica! Hoje, está lá numa montanha do Algarve e faz medicina. Já deve ter setenta e tais, porque ele era mais velho do que eu. E o Dante era bom nas conversas.

Uma vez, um dos funcionários que me controlou, que era o Henrique **Mildores**... Eram uns tipos do Técnico, o Henrique e o Carlos. Mas ele estava completamente clandestino. O Carlos era mais da geração do meu irmão e uma vez venho se meter a me procurar, quando eu estava a trabalhar... veio a bater na editora onde eu estava a trabalhar, a dizer que o partido não concordava com o casamento do meu irmão com a Marília, que hoje é do Comitê Central, mas que eles achavam que ela não era boa.

H.B. – Não era confiável.

M.C. – Não era boa, quer dizer, não tinha... não era tão promissora se calhar quanto ele. Mas tinham aí dezenove ou vinte. Vá que tivessem vinte. Sim, vinte ou vinte e um, porque o meu irmão casou-se com vinte e um anos. Também pelas mesmas razões, quer dizer, um bocado precipitadas. A Marília era muito bonita, portanto, justificava-se perfeitamente. E então eu disse ao **Mildores**: “Olha, vai dizer isso ao meu irmão, para que lhe parta a cara” E casaram-se, olha, até o fim, quer dizer, ficou viúva dele. E hoje ela é do Comitê Central e continua funcionária do partido. Se fosse no século XVIII, era freira, mas no século XX, era comunista. E, pelo contrário, era extremamente promissora: cunhalista 300%, quer dizer, não permitia nenhuma gracinha.

M.G. – Dá para você falar daquela perseguição em que houve...?

M.C. – Bom, a certa altura, num determinado dia, foram cinco pessoas do movimento, sobretudo da parte do cinema. Havia um ator... Cinema e teatro, teatro profissional, da vinha do Viriato Camilo. O Viriato Camilo é preso, vai-se abaixo e manda-me uns recados ambíguos, dizendo-me... Vinha a mulher, vinha me dizer: “A Pide está a interrogar o Viriato a teu respeito”. Bom, está a interrogar a meu respeito, ok. Quer dizer, desde que ele não diga nada, eu fico tranquilo. Só que, infelizmente, ele lá [confirmou]... Aquilo, eles sabiam imenso, porque vinham de cima e, portanto, já sabiam muito, e as pessoas ficavam muito desmoralizadas e depois contavam... Enfim, houve... Isto passa-se em 1963. Eu, entretanto, começo a fazer uma grande carreira profissional, porque foi sempre um tique nervoso que eu tive, comecei logo... Foram me buscar ao exílio do FNPT, por conhecimentos, por causa dessas redes em que eu me inseria naturalmente e onde eu era aceito e fazia um bocado de... do mais novo, que, depois de certa altura, também deixava de sê-lo, porque aquilo era muito interessante.

M.G. – E já está quanto tempo na FNPT?

M.C. – Na FNPT, eu entrei em 1958... Deve ter sido... Um ano ou mais de um ano. Fiz o Delgado todo lá. E eles, em cima da malta. E então, era um homem, um advogado, um grande advogado da praça de Lisboa, tipo o Mário Soares, mas como figura, muito mais interessante, menos político e menos... menos ambicioso politicamente, que era o Fernando Abranches Ferrão. E ele tinha um escritório onde fazia... Tinha criado uma editorazinha para publicar coisas de direito, em que fazia a sua política através dos comentários aos acórdãos. Chamava-se o Jornal do Foro. E essa cobertura, portanto, essa... Porque era muito difícil legalizar estas coisas, porque o governo não andava distraído; sabia o que a gente queria. E então... Portanto, quando se tinha uma firma... Com grandes responsabilidades. Aquilo podia acabar mal. E ele lá usou aquilo... Enfim, tinha a cobertura... Era um *grand bourgeois*. Na casa dele, comia-se... Não se comia; comia-se só consomês e coisas... Mas num ambiente fantástico. Ele é que me ensinou para que servem os guarda-chuvas. Ele usava um guarda-chuva enrolado, enrolado, enrolado, bastante maravilhoso. Ele dizia: “Villaverde, você sabe para que serve um guarda-chuva? É para mandar parar os táxis.” Era um **advogado** muito engraçado. E foi preso, aliás. Enquanto eu estava a trabalhar, foi preso. Tinha aquelas prisões... Tinha [inaudível]. Então ele mandava pedir ao escritório litros de perfume, porque cheirava muito mal lá o curro e então ele tomava banho...

São histórias engraçadas. Senão esqueço-me de contar e já estou a contar aqui. E havia uma senhora que fazia, digamos, a parte administrativa e logística do...

E ele publicou várias obras muito importantes. Nós tínhamos um sistema... Eu acho que no Brasil não... Não sei se existiu. [Nós tínhamos um sistema] que era a publicação em fascículos. Para suavizar os pagamentos, ia-se publicando. E isso também dava tempo... Portanto, quando eram obras traduzidas, ia-se fazendo a tradução, e portanto, a tradução do segundo era paga pelas vendas do primeiro. Quer dizer, era tudo uma economia de miséria, mas essa que é a que ensina, pá! Essa é que ensina. Agora vem essa rabaldaria. E então, fizemos duas obras muito importantes: uma que eu já praticamente encontrei feita, que é a *História social da arte e da cultura*, do Hauser, que agora está na moda, imagina, e que eu conheci há mais de 50 anos, e a *História da cultura em Portugal*, do António José Saraiva, que entretanto... que era um grande intelectual ligado ao Partido Comunista que se exilou e acabou um bocado budista, gandhista. Gandhi.

A última que ele me tentou vender foi o Gandhi. Mas eu tenho a *Obra poética*, da Aguilar brasileira, de Fernando Pessoa, o exemplar dele, que eu, inadvertidamente, nunca devolvi. E a partir de certa altura, deixou de ser inadvertidamente: decidi não devolver e ficar com ele, por conta também de muitos que, inadvertidamente, não me devolveram. E eu gosto de ter. E tem lá umas coisas que ele escreveu e eu gosto de ter aquele exemplar.

E eu terminei esse trabalho. Levava ao correio, fazia tudo: fazia pagar... Mas também tinha alguma correspondência com os autores e tal. Fui substituir uma senhora que era a mulher do Agostinho Neto e que desapareceu, portanto, em 1962, para se juntar ao marido, o fundador do MPLA. Nunca conheci. Mas conheci outros. Por exemplo, conheci o Vasco Cabral. O Vasco; não o Amílcar.

Quem conheceu muito bem o Amílcar foi o meu pai, porque o Amílcar Cabral era engenheiro agrônomo e entomologista e trabalhava na Repartição de Serviços Fitopatológicos, da qual o meu pai era chefe de uma das duas seções, que era a Seção de Inspeção, que lutava contra o escaravelho da batata, contra as doenças, fazia seleção de sementes. E no segundo ou terceiro andar, no laboratório, trabalhava o Amílcar Cabral, que tinha uma namorada muito loura que depois se exilou com ele em Argel e fez uma quantidade de confusões. E ela chegava e tinha automóvel e... Já era mais tarde isso. Eu já estava fora. Foi nos anos 1970. Não, antes, nos anos 1960, porque ele depois também desapareceu, é claro. E então buzina, e o pessoal dizia: “É a loura do preto”. Ou era a loura do mulato, eu não sei como é que eles diziam. Ele tem publicações em entomologia sobre insetos da Guiné e tal.

Portugal tem uma coisa ótima, é que é deste tamanho, não é? Lisboa é um T zero, como diz uma amiga minha, quer dizer, estamos todos empilhados em cima uns dos outros.

E eu fui substituir a mulher do Agostinho Neto, cuja irmã era casada com um que esteve depois conosco, que esteve na Revolta de Beja e depois esteve conosco, até nos *Cadernos de Circunstância*, que é o José Hipólito dos Santos.

Era muito fechado. A certa altura, eu tive um namoro brevíssimo e absolutamente inocente, que deve ter sido meu último namoro inocente, eu tinha aí 19 anos, com uma Dias Coelho, a mais nova, a Maria Emília, Emilinha, e uma das quais era casada com o Carlos Aboim Inglês, parente afastado aqui da nossa colega, e então, mandaram-me um recado que achavam o namoro muito bom. Eu acho que foi isso que me tirou a vontade logo.

H.B. – [Inaudível].

M.C. – Exatamente. Tiraram-me logo o gosto. Entretanto, eu depois passei... E então, depois há uma figura muito importante de um outro político português, que era um dissidente comunista chamado Fernando Piteira Santos, que tinha um lugar de... era uma espécie de assessor cultural e geral de uma editora já mais profissionalizada e mais importante chamada Europa-América. E o Piteira foge, desaparece, e lá vou, quer dizer, com o meu treino, substituir o Piteira, e já com mais importância: publicar. Publiquei *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, do Soljenitsin. Era muito engraçado, essa casa editora. Bom, e ainda por cima, ganhava rios de dinheiro, porque depois fez a outra enorme, lá em Mem Martins. Mas nessa altura eu já não estava.

E finalmente, eu estava de funcionário, ganhava 2.800 escudos, o meu último ordenado na Europa-América. Fazia um bocado de tudo, incluindo corrigir provas, e escrevia badanas, que vocês chamam orelha, escolhia livros, lia livros. Fui eu que fiz traduzir o primeiro Jorge Luis Borges, que eu escolhi, procurei escolher, a *História universal da infâmia*, que eu achei que era uma boa introdução. Porque os outros eram bons demais e os portugueses podiam não perceber logo. Eu tenho ainda esse lado um bocado pedagógico: parto do princípio que o gajo é burro. Se não for, melhor.

H.B. – Exato.

M.C. – Exatamente. Se não for, ótimo; se for, a gente vai devagarinho e tal, dando um bocado de porrada na cabeça e ele há de aprender. Fui sempre muito iluminista nesses aspectos todos. Aliás, meu pai era um elitista absoluto e total que achava que o povo era bom, mas ignaro, e que precisava de quem o dirigisse, que podia ser o Salazar ou, já agora, o Partido Comunista, que era a mesma coisa em vermelho. O outro era em preto, este é em vermelho. Mas era um bocado... Esta elite intelectual a distribuir...

Como o Ratzinger, pá!. Eu estive a comentar o Ratzinger. Então o Ratzinger chega aqui e diz que esta viagem é uma viagem de sabedoria e missão. Se o gajo vem cá ensinar... Não, mas que ele viesse, tudo bem, podia ser até que a gente aprendesse. Agora, que dia?! Em 2010?! É como ir ali ao [inaudível]: “Venho cá para vos transmitir a minha sabedoria”. Os gajos iam ficar assim... “Uh!”

M.G. – É extraordinário.

M.C. – É extraordinário.

C.C. – E a entrevista coincide justamente com a visita do papa.

M.C. – Pois é, pois coincide. Por isso é que me lembrei da sabedoria do cardeal Ratzinger. Consegui nunca falar do papa Bento não sei das quantas. Nunca.

H.B. – [Bento] XVI.

M.C. – Foi sempre Ratzinger. O Ratzinger era a coisa mais parecida que há com o grande inquisidor. Foi o que ele fez durante os últimos 15 anos, antes de ser papa. Já não se chamava grande inquisidor, porque, claro, havia um certo *aggiornamento*, mas a função era exatamente essa. O Leonardo Boff, aliás, sabe.

Mas voltando a 1963, entretanto, uma editora muito interessante que nunca ressuscitou, chamada a Ulisseia, que era uma editora literária – romance, Hemingway, os americanos, Faulkner –, mas também uma editora... Entretanto, uma pessoa muito criativa, um tal Magalhães, muito criativo, mas que gastava dinheiro sem tino e foi à falência e, de falência, levou a tipografia à falência e acabaram todos no Banco Lisboa & Açores, com as dívidas, e acabaram no regaço do Banco Lisboa & Açores. Lembras-te dele?

A.C. – Lembro.

M.C. – Ele já tem uma certa idade. Mas era o Banco Lisboa & Açores, que pertencia, na altura, aos fulanos... à família Nunes Correia, que vinham dos vinhos. Porque havia um Nunes Correia que tinha casado com a filha... tinha dado o golpe do baú [e casado] com a filha do Abel Pereira da Fonseca, que tinha aquelas coisas do Val do Rio e dos vinhos a granel e tal. E eram bastante... eram ainda um bocadinho grossos. Porque eu ainda viajei à Inglaterra com o mais esperto, um outro que preferiria não ter o conhecido. E eram donos de um jornal onde trabalhava o Tengarrinha, que foi meu controlado.

Eu fui controleiro, nesse período dos jornalistas, e o Tengarrinha era meu controlado. Mas eu controlava outras coisas. O partido estava muito bem organizado, não estávamos todos no mesmo cesto. Isso eu só percebi depois, claro, quando comecei a ter informação não celular, da célula, não completamente segmentada. Eu sabia do meu. E tinha um grande amigo que era um ator muito popular, muito conhecido, bastante mais velho do que eu, que era o Rogério Paulo, e nós fazíamos umas inconfiências, tipicamente. E a certa altura, o partido puxou nossas orelhinhas e disse: “Não é para falar”. Quer dizer: “Vocês são amigos, mas não é para falar”.

Ele tinha funções tão importantes de logística, porque tinha carro e tinha dinheiro e não sei o quê, que ele é uma das pessoas que ajuda a fuga do Cunhal em 1960 e 1961. Portanto, tinha uma função logística. E tinha levado a Cândida Ventura para fora de Portugal, porque ele era uma pessoa conhecida e tinha passaporte e podia sair.

Ter passaporte era complicado. Davam para a Espanha. Só para a Espanha. Foi assim...

Portanto, arranjei o tal emprego novo... Porque um tio meu tinha estado deportado em Timor em 1930, entretanto, tinha feito uma brilhante carreira empresarial. Claro! Como às vezes dizem: “Ah, há muitos de Maio de 1968 que agora são diretores de empresas, ministros...”. Claro! Claro! É uma seleção, é evidente. Mesmo estes do MRPP, em Portugal, as pessoas dizem. O Durão Barroso, a única coisa **direita** que ele fez na vida foi realmente o MRPP, e foi isso... Porque ele foi trocando esse capital... Tu já viste? O capital. E a Ana Gomes é outra. Não sei qual dos dois é mais chato. Ela é mais chata. Ele é chato, mas ela é mais chata. Eu conheço bem essa gente por casamento: casei com uma senhora dessa geração e um bocado desse grupo. Ela, por acaso, era da UDP.

E então, um dia, dia 12 de novembro de 1963, eles lançam a rede para apanhar cinco pessoas: esse ator, que se defendeu e ainda por cima teve sorte, porque estava a fazer um filme francês, uma produção francesa, e mexeram logo e apareceu nos jornais em França e largaram-no, quando provavelmente era o mais *guilty*, era o mais... Talvez, até o mais enterrado de nós todos, até porque era mais velho. Um outro realizador de cinema muito conhecido chamado Fonseca e Costa, que não fazia nenhum, nunca fez, enfim, fez alguns filmes, foi a única coisa que fez, coitado, que é uma pessoa muito

engraçada e que estava completamente desativado, aliás. Quer dizer, era um nome na lista, e disse: “Eu sou um nome nessa lista. A mim, ninguém me perguntou para pôr o meu nome”, e lá o largaram. Os outros três eram: eu e dois rapazes. Um era o Vasco, que aliás é uma figura que até vocês conheceram, que era um encanto de pessoa. Eu ia controlar à casa dele, porque ele vivia com o pai, que era um pequenino alfaiate, desses de andar ali ao Príncipe Real, o senhor [inaudível], que eu ainda conheci e que cortava fatos.

Nenhuma destas pessoas, incluindo eu, tinha estudos superiores. Nenhuma. Era tudo cursinho interrompido, formação... autodidatas. Há um livro... Eu dei uma grande entrevista a uma moça que fez uma história do neorrealismo cinematográfico e os cineclubes em Portugal, uma rapariga francesa, e tem lá a minha entrevista sobre isso – depois eu dou para você –, sobre esse período, os meandros do cineclubismo.

Mas é redes, redes, redes. Realmente, não há nada como... A gente fazia redes sem saber. Não tínhamos nem do **Putnam**. Quer dizer, o **Putnam** é que nos leu. Por isso é que eu sei que ele tem razão. Tem razão, esse capital é absolutamente precioso. E ainda por cima é imaterial, quer dizer, tu levas para qualquer lado. Quer dizer, eu vou para a França... Por acaso, não me correu bem a França. A França foi... Não me correu bem. Foi o que me correu menos bem.

A.C. – Vais contar.

M.C. – Já vou, já vou. Estou avançando. Pronto, estou quase, aliás. Já estou quase.

H.B. – Já está quase chegando.

M.C. – Exatamente. E então, por um... Tinha me casado, tinha mudado de casa, tinha mudado de emprego – portanto, tinha ido para a tal Ulisseia, tentar salvar a Ulisseia, que tinha lá direitos de autor fantásticos, mas tudo falido. Ainda fui à Inglaterra tentar negociar... Porque eles faziam aquela Coleção Pelicano, lembra-te?

A.C. – Lembro. [Inaudível].

M.C. – Pois claro, exatamente. E eu ainda fiz alguns e depois fui escolher, dos que tínhamos, aqueles que a gente queria. E fui com a esposa do senhor, porque eles também iam. Ela também ia. E levava uma mala cheia de jóias. Eu achei aquilo um negócio surrealista, quer dizer, completamente... Não acha? Para ir cinco dias a...

Depois fui ver um Buñuel, o *Nazarin*. Ah, e estava o [inaudível], o melhor filme da era moderna. O filme já é bastante antigo, mas para mim... Eu sempre gostei muito de cinema. Agora me desliguei. Depois, em França, vi quase tudo o que tinha para ver.

E tinha mudado de casa. Eles foram à minha procura na tal Europa-América, onde eram pessoas decentíssimas. O dono tinha sido ele próprio preso e deportado e o diabo a sete. É espantoso, não é? Também sem estudos. O Lyon de Castro não tinha estudos. O Lyon de Castro é do grupo do Piteira Santos, por isso é que eu trabalhava com ele. Eram titistas. Aliás, ele disse: “Ah, eu nunca fui titista”. Eu disse: “Desculpa, quer dizer...”. Tem um filho chamado Tito. É o único Tito que há em Portugal: Tito Lyon de Castro. [risos] Quer dizer, não era titista?! Então, chamou ele de Tito por quê? É como esses que a gente encontra, quer dizer, os Vascos, do 25 de Abril; os Sidónios,

de 1918. António já pode ser de Salazar ou não ser. Por isso havia um general que se chamava António Salazar, de nome. Não te lembras? Um antigo chefe do Estado-Maior.

A.C. – Sim.

M.C. – Era Salazar de nome. Meu pai tinha um amigo que era engenheiro agrônomo cujo pai era completamente fascista e grande admirador do Japão, e então o colega do meu pai chamava-se Tojo, que era um almirante fascista. Quer dizer, coitado do homem, era Tojo! E também havia os Lenins. E até havia um Lenin de Jesus.

C.C. – Temos um colega Marcello Caetano, lá no Cpdoc.

M.C. – Ah, é? Um belo nome também, bem escolhido. [risos] Eu acho que isso não se deve fazer a uma criança, porque pode ele...

C.C. – Só um parêntese. Uma vez foi um estagiário lá no Cpdoc que queria trabalhar comigo, e quando eu vi o currículo, eu achei que era brincadeira, porque era Stalin Che Guevara, não me lembro do que, da Silva, que era um jovem estudante de história.

M.C. – Coitado! [riso]

C.C. – Nascido nos anos 1970 e registrado, no meio da ditadura brasileira, com este nome. O juiz registrou.

M.C. – É filho do José Dirceu, não?

H.B. – Não. É mais esperto do que isso.

M.C. – Não, porque Stalin e Che Guevara era um bocado de José Dirceu, não é? É uma descrição do... Ah, você sabe que eu tive um encontro com o José Dirceu? Mas depois eu conto.

Lá no Brasil, quando vocês me convidam, eu conto a história. E saiu na televisão, saiu na mídia brasileira, porque eu contei a um jornalista brasileiro amigo, um incidente em Paris.

Voltando. Então, a história é muito engraçada e eu acho que vale a pena contar, o mais rapidamente possível. O Pide foi à Europa-América e a Europa-América disse: “Mudou de emprego. Já cá não trabalha”. “E onde é que trabalha?” “Não sabemos.” E mandaram uma pessoa avisar-me e eu entrei em operação. Entretanto, eles vão à minha casa, que era a dos meus pais. Eu tinha 23 anos. Tinha acabado de fazer 23 anos e tinha acabado de sair de casa há dez dias para me casar. E na época, em Portugal, nós tínhamos criadas. Chamavam-se criadas, empregadas de dentro. Felizmente, a rapariga era nova lá na casa; sabia que eu existia, mas *just about*. E então o Pide... “Então, ele está?” “Ah, ele já cá não mora. Ele casou e não mora cá.” “Então, onde é que mora?” “Não sei. Só estou aqui há pouco tempo.” “E quem pode...? E a mãe?” “A mãe está em Espanha. Está em Madri.” “E o pai?” “O pai está a trabalhar.” “E a que horas é que vem?” “Vem às sete.” “Então a gente fica aqui.” E ficaram à espera do meu pai. Meu pai... O passado comunista funcionou. Ele chega e a Pide pergunta: “Então, e o seu

filho?” “Ah, já cá não mora. Casou e tal”. “Ah, nós fomos...” “Ah, pois é, não sei onde é que trabalha. Ele já não trabalha lá.” “E onde é que mora?” “Pergunta bem. Sei muito perfeitamente lá ir, mas não me lembro do nome da rua.” Meu pai era [inaudível]: sabia as ruas de Lisboa todas de cor. Natural de Lisboa, sabia-as todas de... A rua era a rua Marcos Portugal. “Mas se os senhores vierem cá amanhã, eu digo.” E foram. E voltaram. Estavam numa boa. E deu-me 24 horas para eu me virar. E eu virei-me. Fui buscar a minha jovem esposa – atualmente, avó da minha neta – e fomos... Ela trabalhava não longe... Também trabalhava. Ela também tinha estudos interrompidos. Era também uma... Tinha ali uma rebeldia também. E eu disse: “Vai em casa buscar o passaporte”.

M.G. – Temos que parar.

M.C. – Caramba! Muito falo eu. Isso é uma hora, cada *bobine*?

H.B. – Para ver como a gente não se cansa de te ouvir.

M.C. – Olha, eu quero isso, porque já fica-me a biografia feita.

H.B. – Sim, claro!

A.C. – Bem, duas horas para os teus primeiros 23 anos.

M.G. – Ainda não chegaste [inaudível].

M.C. – Mas é que tu vais ver como é que a história acaba depois. É porque a minha história...

C.C. – Fatalmente, vocês terão que fazer outra sessão.

M.C. – Não, na minha geração...

M.G. – O problema de falta de horas completas de gravação acabou.

H.B. – Acabou.

M.C. – Vocês não tinham horas de gravação?

H.B. – Tem em excesso.

M.G. – Não, eu estava de brincadeira. Tínhamos, mas ainda estávamos a fazer as contas.

A.C. – Vamos aproveitar essa pequena pausa para combinar como é que vamos continuar, porque claramente não vai dar hoje para fazer toda a agenda.

M.C. – Mas a parte profissional não... Vocês também querem saber? Porque a mim, não me interessa nada, é claro. A minha parte profissional está aí, pá!

H.B. – Mas é muito interessante.

A.C. – Mas tens histórias sobre...

M.G. – Todas elas têm uma história.

M.C. – Eu quero chegar a Oxford, onde eu fui corrompido, seduzido, sodomizado por aqueles ingleses.

A.C. – Tem a França. Ele esteve em muitos lados.

M.C. – Isso está aí, claro. Oxford é [inaudível]. Vocês ficam cá quanto tempo?

H.B. – Até sábado.

[FINAL DO ARQUIVO MANUEL_VILLAVERDE_CABRAL_11.05.2010_01]

M.C. – ...era giríssimo. E então, entrevistei o senhor, e fiz muitas entrevistas, muitas coisas. Estava o Kirk Douglas, estava lá, e estava quem? Estava aquele tipo fantástico, o polaco, o Wajda, o que fez o *Kanal*. Outro dia, vi o filme sobre essa história da matança dos militares polacos pelo Stalin, a matança de Katyn, e ele fez um filme. Ele é bom nesse... Quer dizer, é um filme muito interessante, *Cinzas e diamantes*. O Wajda, esse estava lá, com aquele filme *Kanal*, sobre o gueto de Varsóvia.

Participante – Andrzej Wajda.

M.C. – Andrzej Wajda, sim, sim.

M.G. – Podemos retomar?

C.C. – Mas a sua fuga para...

M.G. – Tiveste 24 horas.

M.C. – Tive. Depois fomos ter com o meu sogro, que era o Victor Palla, o arquiteto, que tinha uma ligação ao PC. Quer dizer, nunca falamos nisso, mas que era evidente. Até depois ele teve mais. Depois, no finzinho de vida, foi mais revivificado. E tinha carro. De modo que metemo-nos no carrinho e andamos a circular por Monsanto, a não parar em sítio nenhum e ver as hipóteses, e eu pensei: “Vou passar à clandestinidade? Não vou. Então, vou me deixar prender? Não vou. Então, o que eu vou fazer?”. E pensamos assim: “Bom, eles não têm mandado de captura, é claro”, porque aquilo era completamente **atrabiliário**, não se davam ao trabalho de estarem a fazer mandados de captura, “mas podem ter o aeroporto vigiado, podem, quando se aperceberem que eu fugi, podem fechar o aeroporto, quer dizer, pôr lá o meu nome, e o comboio de França”. E eu disse: “Mas eu não vou para nenhum sítio desses, eu vou para a Espanha, tranquilamente”.

E poucas horas depois eu estava no trem para Madri, onde, por acaso, estava a minha mãe e onde, também, eu tinha alguns contatos. E depois eu me virava de lá para a

França como fosse. E assim foi. E não aconteceu nada. **Salvo** que acontecem sempre coisas engraçadíssimas. Ao meio da noite, vem um que me sacode e não sei o que, e eu disse: “Estou feito!”. O meu primo João Carlos, que é médico, tinha me dado uma pastilha para dormir – aliás, a única, praticamente, que eu tomei até hoje – e fiquei completamente zozinho. Ao meio da noite, me sacode e depois diz: “Santiago! Santiago!”. “Não vou a Santiago”, e lá me deixou dormir. E depois, de manhã, já há luz, começo a ouvir os tipos a bater nos... num sítio qualquer, quer dizer, nos compartimentos, e dizia: “Villaverde! Villaverde!”. Eu disse: “Bom, agora é que estou feito!”. [risos] E eu dizia: “Agora, que estava tão perto, agora é que sou apanhado?”. E sabes o quê? O comboio vai para Atocha e vem pelo sul, e a última localidade antes de Madri é o sítio onde estava a fábrica da Standard Eléctrica e que se chama... o lugar se chama Villaverde, e ele estava assim: “Estamos a chegar a Villaverde”.

Pronto. E depois, lá me virei, fui falar com pessoas do PC espanhol e eles acharam que eu podia arriscar e no dia seguinte eu estava no avião para Paris, e pronto, e assim foi. E cheguei a Paris no dia 14 de novembro de 1963, uma semana antes de matarem o Kennedy, que foi em 22 de novembro. Eu lembro, é claro, porque estava muito fresco.

A.C. – Me diz uma coisa, foi em Paris que as ciências sociais apareceram?

M.C. – Em certa maneira. Porque o Adérito...

C.C. – Adérito Sedas Nunes.

M.C. – Sim. O Adérito Sedas Nunes, que é um pouco o fundador desta instituição e um pouco da sociologia moderna em Portugal, da sociologia, sociologia. Há sempre precursores. Eu próprio, aliás, escrevo um bocadinho sobre os precursores, quase todos sem treino, sem formação. E depois há aqueles do Braga da Cruz, quer dizer, que inventou... Aliás, consegui escrever um artigo de trinta páginas sobre uma coisa que não existe, que era a sociologia académica antes de 25 de Abril. Mas ele lá conseguiu e então eles davam umas aulas de manuais, faziam umas coisas... criminologia e... A sociologia empírica começou da sociologia religiosa, com o bispo Falcão, que era uma espécie de Gabriel Le Bras português. Eu só percebi isso mais tarde. Também, não me interessava muito na altura.

Eu cheguei e fui arranjar emprego numa livraria. Já escrevi coisas sobre a minha relação com o livro. No livro fiz tudo, menos papel. Quer dizer, só não trabalhei em fábrica de papel; o resto eu fiz tudo: fui desde bibliotecário, revisor de provas, até um bocadinho de tipografia eu fiz, e acompanhava muito, nas tipografias, as coisas que a gente fazia e tal. E também fiz rádio, com o Luís Filipe Costa. Ele tinha um programzinho e dava uns minutos aos cineclubes. Ele morava ali na esquina da avenida de Roma, naquela parte onde passa o comboio, por cima do Millennium. É o pai do Pedro Costa. Era uma grande rede.

M.G. – Mas então, foste trabalhar numa livraria.

M.C. – Fui. Bom, mas estava... Nessa altura, chegavam a Paris, às dúzias por dia... Por que eu optei por fugir? Essa ideia, provavelmente, um ano antes, dois anos antes, de certeza, não ocorria a ninguém. As pessoas punham a cabeça no cepo e deixavam-se, ou

então passavam à clandestinidade. Uma de duas. Foram os jovens universitários que não queriam fazer o serviço militar que, ao fim de uns dois anos ou um ano e meio de guerra, porque... Graças ao doutoramento da minha aluna Guya, acabei por conseguir o estudo do movimento estudantil e acabei por perceber exatamente a cronologia. Por que a guerra colonial só entra na política portuguesa, através dos estudantes que começam a fugir, ao fim de dois ou dois anos e meio, três anos? Porque começavam a acabar os períodos da alforria que tinham. Porque os oficiais tinham uma autorização para terminar o curso. E portanto, eles já não tinham 18 ou 20 anos.

Eu tinha ido, em 1960, às sortes, portanto, o ano em que se fazia 20 anos, e fiquei livre. Porque seis meses antes da guerra, ficavam livres. No meu dia, ficamos livres 40%. Nem tinham sapatos e botas para nos dar. Um ano depois, já não era a mesma coisa. Meu irmão foi dois anos depois e já ficou e já fez quatro anos, que acabaram, aliás, mal. Depois acabou por ser preso, por causa do que teria feito durante o serviço militar.

O Partido Comunista defendia que se devia fazer o serviço militar e lutar contra lá dentro, para virar a tropa., e em caso de extrema necessidade, desertar. Mas desertar na frente é muito difícil, até logisticamente. E há pouquíssimos casos. Mesmo os desertores caracterizados que tivemos – só aqui nesse andar havia dois, o Lucena e o Valentim Alexandre – eram deserções... O Lucena também desertou em circunstâncias muito difíceis, um homem que não era comunista nem nada que se parecesse. O Valentim... Também tem uma porção que já não era. Ou talvez fosse. Enfim, tinha uma ligação. Mas desertavam... Como o João Freire. Mas esse era mesmo de carreira. Desertavam durante uma... Faziam uma comissão, tinham um período de férias, vinham a Lisboa e aproveitavam, e era aí que saíam. Portanto, eram desertores no sentido em que tinham sido incorporados... Tecnicamente, um desertor é aquele que foi incorporado e foge. A categoria realmente importante numericamente é... em português, chama-se refratário, *draft resister*, o *insoumis* francês.

C.C. – Insubmisso no Brasil. É o que não se apresenta.

M.C. – Insubmisso, do francês *insoumis*. É aquele que não se apresenta. Quando chega na hora, fugiu. Quem começou a organizar isso foi um engenheiro. Foi o filho do Casais Monteiro, mas sobretudo foi um engenheiro do Técnico chamado Humberto Belo, que é um dos primeiros. O que eles vão fazer? Eles vão procurar os passadores, que faziam passar os imigrantes. Porque o Salazar... A política de imigração portuguesa foi uma angústia completa para o dr. Salazar e para o Marcello Caetano durante mais de uma década, em que, em 1971 e 1972, imigraram 2% da população portuguesa, ou seja, 3,5% dos homens portugueses jovens. Só comparável com 1913. Dois por cento da população. Se considerares que a população era essencialmente masculina e jovem, quer dizer, 3,5% de rapazes novos. Isso, hoje...

Eu tenho aí, no texto do *Sucesso e insucesso*, eu digo duas coisas horríveis que nunca tinha dito. Uma é o esvaziamento de alguma virilidade que esta sociedade sofreu durante 500 anos, quer dizer, em que ela era sangrada regularmente dos homens mais jovens. É aquela coisa que a Maria Belo fala, da feminilização, que por acaso... que o holandês também encontrou: uma orientação feminina. Claro que isto é tudo psicologia social, na melhor das hipóteses, se não é uma psicologia barata, o que é uma redundância, como sabemos. Mas que há qualquer coisa, há. E também, não é impunemente que há esta sangria.

Inversamente, quem recebe os imigrantes, apesar de tudo, recebe o melhor, os mais resistentes. Na sociologia rural, nós aprendíamos. Eu lembro perfeitamente de um dos primeiros artigos de sociologia rural que eu li nos *Etudes Rurales*, em que eles explicavam que, nas aldeias francesas, só tinham ficado os idiotas, *l'idiot du village*. Claro! Os outros foram todos embora. Eu lembro-me, nos anos 1960, em França, os agricultores que ficavam para trás, em certas regiões, tinham que importar mulheres. Não havia uma mulher que quisesse ficar ali. Como aqui, agora: quem acabou com a agricultura foram as mulheres. Porque o pior emprego que uma mulher pode ter é ser mulher de agricultor. E no Brasil não deve ser muito diferente...

H.B. – Não.

M.C. – ...porque essas coisas costumam obedecer a certas regularidades, como diria o pai Émile, não é?

Portanto, eu encontro-me ali separado da minha mulher, com quem eu tinha acabado de casar, mas, enfim, conhecia gente e, de referência em referência, eu lá arranjei um emprego, e depois arranjei até um emprego melhor. Mas em França correu-me tudo bastante mal. Os empregos não me correram bem. Nunca tive uma oferta de um emprego interessante, e muito menos universitário. Aliás, eu não apanhei essa... Porque eu já trabalhava, e a minha reação natural – e ainda por cima já casado e, depois, em 1965, pai de família – era trabalhar. E na verdade, foi quando a minha filha nasceu e que nós não podíamos sair de casa – não tínhamos dinheiro para *baby-sitters*, ou tínhamos dinheiro, ou tínhamos dinheiro de vez em quando – e que eu já trabalhava numa casa editora... Tinha conseguido uma casa editora, mas uma casa editora de livros técnicos, nada cultural, que foi o melhor emprego que eu tive e graças ao qual eu tenho a tal reforma de 500 euros. Por nove anos de descontos, tenho 500 euros.

A.C. – Nove anos?

M.C. – Sim.

M.G. – [Inaudível].

M.C. – Sim, eu tinha... Houve uma meia dúzia de anos em que eu cotizei, digamos, numa média. Era um quadro médio, o que eles chamavam... Até tinha um nome: *agent de maitrise* e depois fui *cadre moyen*, e tinha até um desconto. Aquilo que o [inaudível] inventou e nunca aplicou, que é o *plafond*, eles já tinham, na altura. Só que quem geria a parte de cima eram mútuas, com o Estado francês com a mão para baixo, evidentemente. Não eram companhias de seguros. Senão tinha ido tudo à falência, evidentemente. Então é uma coisa séria.

A França é realmente um país bastante autoritário e completamente estatista, mas tem ao menos um desculpa, é que o Estado funciona muito bem. Ao menos isso. Nós também temos praticamente os dois, só não temos... Infelizmente, não temos é o outro lado. Bom, eu não me queixo. **Pessoalmente...**

C.C. – Mas a sua decisão de fazer estudo universitário...

M.C. – Foi mais tarde. Então, exatamente, quando a minha filha nasceu e eu militava... Entretanto, tínhamos feito a cisão pró-chinesa, contra o Partido Comunista. Tinha saído em 1964. Fundamos... Em Portugal, fundaram uma coisa chamada a Frente de Ação Popular (FAP). Tu ainda conheceste, não? Não, és mais novo.

A.C. – [Inaudível].

M.C. – Sim. E lá, uma espécie de um partido. Era a frente... Sempre uma macaqueação do Partido Comunista: a frente, e depois havia os quadros, que eram selecionados basicamente pela experiência que tinham tido no PC, e que era muito valorizada. E eu faço logo parte do primeiro comitê. Então, chamava-se Comitê Marxista-Leninista Português (CMLP) e publicava uma revista, imaginativamente chamada *Revolução popular*, mas em que conheci e aprendi muito com uma pessoa fantástica, mais uma vez. Quer dizer, tive várias, uma das quais, injustamente, não falei até agora, que foi uma revista de cinema em que eu trabalhei com um homem chamado Ernesto de Sousa. Esse aparece muito na entrevista e depois vocês vêm. O Ernesto de Sousa era um homem que tinha idade... Não tinha idade para ser meu pai. Era, assim, um irmão muito mais velho, e deu-me uma oportunidade... Aliás, eu apareci, sempre de moto próprio, a dizer: “É aqui a revista *Imagem*?”. “Ah, é sim.” “Olha, eu escrevi um artigo e fiz um desenho.” E ele olhou: “O desenho é uma porcaria. Desiste. O artigo está mal escrito, mas enfim, se trabalhares e tal, ainda podes vir a ser um professor universitário”, e aceitou e deixou-me continuar.

Eu leio as coisas que escrevia na altura e são, por um lado, são duríssimas, do ponto de vista político, tudo implícito, mas de um romantismo absolutamente deliquesciente, de que há duas coisas na vida: a revolução e o amor. Não era mau. E se forem as duas ao mesmo tempo... Quer dizer, mesmo uma só já havia de ser... Mas normalmente elas vão juntas. Elas vão bem juntas. Maio de 1968 foi o que se aproximou mais. Aqui o 25 de Abril também não foi mau. Dá-me a efervescência, aquela famosa metáfora durkheimiana da efervescência, em que a gente... Há mais oportunidades, a gente agarra mais, tornamo-nos mais bonitos e mais interessantes, e elas também.

E foi nessa altura... E então fiz letras. Era o mais fácil. Fiz à noite. Eu sou um aluno da noite. Tu também.

A.C. – Também.

M.C. – Exatamente. Aluno da noite. Eu só ia às aulas à noite, porque tinha que trabalhar durante o dia. Então, literatura era fácil, porque eu já tinha lido tudo. Fiz um primeiro ano propedêutico, como eles chamavam – as licenciaturas eram três anos. Tu vais dizer: “Bolonha. Bolonha”. Mas estudei três anos. Não me dei assim tão mal. E uma vez tive uma nota negativa. Mandaram fazer uma coisa sobre o Molière e eu aí fiz uma coisa que eu achava que estava ótima e depois ele deu-me nove, sobre vinte. Nove. Eu fui dizer: “Mas nove? Nove como?”. E ele disse assim: “Ah, é você?! Mas você é estrangeiro!”. E eu disse: “Sim. Sou português”. “Ah, mas escreve muito bem francês.” “Bom, faço o melhor que posso.” “Mas é que isto não é uma dissertação francesa”. E eu lhe disse? “E o que é isso? O que é uma dissertação francesa?”. “Ah, a dissertação francesa é uma coisa muito simples. Você vai ali *chez* Gilbert [Jeune]”, que era aquela grande livraria do boulevard Saint-Michel que tinha aquelas coisas todas cá por fora, “e compra um

manual de dissertação francesa”. E eu fiz e pronto, nunca mais tive nove, tive sempre pelo menos catorze ou quinze.

É aquela técnica fantástica. A minha tese é toda feita assim. Quer dizer, na introdução, você diz o que vai dizer e enuncia as três partes; na primeira parte, começa por dizer o que disse; depois, no fim, conclui dizendo o que disse; depois, na parte seguinte, você diz o que disse na anterior e o que vai dizer nesta; e depois, no fim, diz o que disse. É o que eu ensino aos meus alunos e, de uma forma geral, funciona bastante bem. Quer dizer, não é coisa à inglesa, que eles chamam, que é começar numa ponta e acabar na outra, que é mais ou menos o que eu tenho feito aqui com vocês e que eu também sei fazer muito bem. [risos] Mas para escrever não, porque a pessoa perde-se. Se não se perde o leitor, perde-se o escritor, em todo caso. E quando eu for capaz de fazer isso, escrevo romances, não preciso perder tempo a escrever coisas de sociologia.

Fiz letras. A propedêutica era muito boa, deu-me o primeiro gosto, porque havia muita coisa em instituições francesas, história francesa, política francesa. Eu sabia tudo aquilo empiricamente. Foi muito para – já foi, e no doutoramento, isso foi totalmente – para organizar o meu próprio trabalho intelectual e as minhas próprias leituras, quer dizer, para não andar... Porque eu lia, lia sobre literatura, lia sobre política, lia sobre história, lia ficção, lia poesias, escrevia – ainda escrevia sobre poesia, teatro.

Antes de ir para a França, estava muito interessado na Espanha. Ia muito à Espanha e tinha boas relações lá com os meios espanhóis e algumas figuras importantes, sobretudo do cinema. Conheci o Luis Buñuel, duas vezes. Encontrei-me duas vezes. Na verdade, em uma das vezes, em 1961, vi-o até todos os dias, durante três ou quatro dias, e depois voltei a vê-lo em Paris. Ele estava a negociar a autorização para fazer *Viridiana* na censura espanhola, de manhã, e depois vinha e era uma tertúlia, vínhamos beber café e ele contava como é que os ia enganando. Eles diziam: “Ah, mas isso é muito pouco cristão”. “No, no. *Es que hay que mirar de outra manera.*” [risos] E ele tinha ganhado o prêmio do Observatório do Cinema Católico, com um filme feito no México chamado *Los olvidados*, que é um filme absolutamente extraordinário, e tinha ganhado o prêmio de Cannes, e com isso conseguiu...

Estava ele e estava o homem que depois vai escrever a história... Aliás, é ele que escreve a história de *Viridiana*, como escreve a história de *O anjo exterminador*. O filme já é produzido, aliás, por um mexicano, o Alatrieste, que tinha uma namorada chamada Silvia Pinal, e por isso que ela é atriz de alguns dos filmes do... Depois, no fim de carreira, o produtor dele era o pai de uma grande amiga, que aliás vocês até conhecem de nome, pai de uma grande amiga e genro de um grande amigo meu lá em Paris, que era o Serge Silberman, que é o pai de Roxane Silberman, e o sogro dele era o Mouriet de Bouton. Mesmo em França, o mundo também não é tão grande como parece.

H.B. – Mas, Cabral, só era possível literatura, à noite, ou dos...?

M.C. – Foi o que eu... Eu gostava, eu interessava-me e era fácil para mim, digamos, modéstia à parte, eu achava, pronto, que eu conseguia fazer isso. Ia buscar os livros no princípio, a lista, ia lendo aquilo e depois ia aos chamados TPs, os *travaux pratiques*, e às aulas práticas à noite, que eram, aliás, relativamente ligeiras e simpáticas e interessantes. E depois encontrei uma rapariga engraçada e até passei a ir às aulas de dia.

Lá arranjei, no último ano, a rapariga. Era a irmã do Vasco Pulido Valente, que eu não conhecia, o futuro colega nosso. Mas ela era a irmã, e não tinha nada que ver com ele. Estava lá em Paris a estudar, a escrever poesia. Era muito esotérica e muito interessante, muito engraçada. E já foi menos inocente essa história. Esse período já foi diferente. Foi mesmo em cima de Maio de 1968. Mesmo em cima. Foi um pouco antes de Maio de 1968. Depois até nos perdemos de vista, na confusão. Depois foi para o Brasil. Apaixonou-se por um brasileiro e foi para São Paulo e agora é... Deve ser avó. Eu sei que é avó, em São Paulo. É uma avó brasileira. Rita Correia Guedes, porque ela sempre se assinou com o nome verdadeiro, digamos assim. Escrevia uns poemas tipo hipersimbolistas, Mallarme, uma coisa muito bem escrita. Ela era muito inteligente. Deve ser de família, porque o outro também é.

E tive alguns professores interessantes, mas sempre no literário. Mas o literário é uma das... Quer dizer, provavelmente é a melhor porta para as ciências sociais, como é evidente: um dos melhores sociólogos da mobilidade social ascendente é o Balzac, que escreveu sobre mobilidade... que era, aliás, o problema dele, ainda por cima. Era observação participante: os seus esforços desesperados para subir na vida e conquistar estatuto [status].

Bourdieu... Eu não sei muito bem onde é que Bourdieu se enganou. Ele enganou-se. Mas andou muito perto, muitas vezes. Tu sabes quando é que eu vejo o Bourdieu e a explicação do Bourdieu? É no Proust. Tu lês aquilo...

A.C. – Claro.

M.C. – É o sistema de classificação mais detalhado, quer dizer, é o penteado, é o vestido, o sapato, a duquesa, a duquesa verdadeira, a duquesa completamente falsa. Quer dizer, aquela descrição absolutamente interminável. Eu leio o Proust à noite, como quem lê a Bíblia, ou seja, abro e leio. Depois adormeço, fecho, no dia seguinte de manhã, leio ou não leio. E vou lendo. É sempre sociologicamente fantástico: esteticamente, as teorias, tudo. E a obsessão, a verdadeira fixação freudiana do Bourdieu sobre o *capital culturel* e o *domaine artistique*, de fato, é... Só se percebe num país... Quer dizer, é muito extraordinário. É o país mais revolucionário, mais democrático, no sentido ideológico.

H.B. – [Inaudível].

M.C. – Exatamente. Não liberal, democrático. Uma vez tentei explicar isso para o Mário Soares. Não percebeu muito bem. Portugal também é um país democrático, mas nunca foi um país liberal. Nunca fomos. Tivemos, enfim, umas tentativas. E os franceses também. Aliás, o Rosanvallon, e todo aquele grupo, hoje percebeu finalmente isso e escreve abundante literatura e toda muito interessante e, sobretudo, muito bem documentada. E [inaudível] fazer transposição e é tal e qual. Um dos únicos liberais era Alexandre Herculano. Quer dizer, eram deístas. “O homem é livre e Deus existe, e agora você decide.” Você é livre. Mas Deus existe. É um bocado [inaudível]. Aquilo é um bocado inspirado. É da poesia, a *Harpa do Crente* ou uma coisa assim.

Voltando. Portanto, fiz a minha literatura.

M.G. – E a licenciatura?

M.C. – Fiz a minha licenciatura em literatura francesa e comparada. Aproveitei e fiz português, claro, para ajudar. Na literatura comparada, escolhi o espanhol e o italiano – e ia tendo uma má surpresa: foi a minha pior nota. Eu estava convencido que era um comparatista nato. E sou, ainda cima, mas sei... Convenci-me... Eu conhecia muito bem o professor, porque ele até trabalhava para a empresa onde eu trabalhava, e então nos encontrávamos nos corredores. E convenci-me... Ele, sem querer, levou-me a pensar que as matérias dele não iam sair. E saiu o renascimento, pá! Tinha um cardeal italiano qualquer do renascimento italiano. E o italiano do renascimento é muito diferente do italiano do cinema. Enfim, lá me defendi o melhor que pude e tive uma nota...

Lembro perfeitamente, sai da escrita... A prova escrita era concurso nacional: quarenta mil pessoas, dos quais se sabia que vinte mil chumbariam. Era assim. E era muito engraçado, porque eles faziam *copy and paste*. A técnica francesa era escrever tudo que viesse à cabeça. Depois puxavam... Traziam tesoura e cola e folhas brancas e então cortavam e iam montando: *copy and paste*. O *copy and paste* antes de haver essa coisa, pá! Absolutamente extraordinário! E eu não tinha nada disso, claro. Eu achava aquilo... Parecia que estavam na instrução primária, ou no *kindergarten*, a cortar e a colar coisinhas. E depois, quando eu saí, umas meninas dizem-me: “E então, o que tu fizeste?” “Ah, eu fiz assim, assado e tal.” “Ai! Tu fizeste isso?! Ai, eu acho que não era nada disso.” Bom, elas devem ter chumbado, porque eu tive quatorze, que era, na altura, uma nota muito razoável.

E o desafio era genial. A dissertação era assim: nós tínhamos uma das obras [inaudível], *La chartreuse de Parme* (*A cartuxa de Parma*), de Stendhal. Por sinal, o meu favorito, de modo que eu tive sorte. E era “Maurice Barrès”, que é um intelectual francês super-reacionário, mas importante, que vem depois do Stendhal, “diz: *La chartreuse de Parme, bien que mal écrite, est un grand roman*. Comente”. [risos] Quer dizer, [inaudível] está aí.

A.C. – É o maior....

M.C. – Exatamente. Mal escrito? O que isso quer dizer? Aliás, **eu comecei assim**: “De fato, não terá sido bem escrito, até porque não foi escrito. Stendhal estava muito doente e ditou, e portanto...”.

H.B. – Pronto. Já ganhou uma nota.

M.C. – Quatorze. Foi assim. Mas eu tinha estudado. Eu gostava de Stendhal, e ainda gosto. Depois, pensei continuar. Tomei o gosto. Entretanto... Isto passa-se em 1968, por coincidência absoluta. Eu acabo a licenciatura em três anos. Eu comecei em 1965, quando a Baba, a Bárbara, nasceu, e terminei em 1968. Inclusivamente, foi adiado. Limparam uma parte difícil do francês antigo, o que, por acaso, também me conveio – embora às vezes eu soubesse melhor do que eles, porque parecia português, e a eles, não os parecia coisa nenhuma, parecia chinês. E essa parte, eles conseguiram. Foi a grande vitória: conseguiram tirar o francês antigo, que ninguém sabia nada, e ficamos só com o moderno.

C.C. – Qual foi a sua vivência do Maio de 1968?

M.C. – O Maio de 1968 foi completamente... Mas o que eu estava a dizer: em 1967, nós, um grupinho que tinha feito a experiência maoísta-marxista-leninista, e perante, aliás, o desmoronamento completo da organização, por irreflexão, por imitação do Partido Comunista sem ter condições para isso... Foi o que eu lhes disse. O que aconteceu? A certa altura, nem vocês sabem, o Chico Martins, como nós o chamávamos, o Francisco Martins Rodrigues veio para Portugal, depois de um desastre de automóvel em que partiu a espinha. Ele veio mal curado. E da cabeça então, pior. E com os outros loucos, o D’Espiney e aquela malta.

O primeiro Comitê Marxista-Leninista reuniu em minha casa, na rua Malar, em 3 de janeiro de 1965, a reunião oficial, em que o D’Espiney e o João Pulido Valente, o outro, estavam cá, estavam fora, estavam em Portugal. E portanto, reuniu o Chico; eu; um rapaz chamado Fernando Barros, que era de Oeiras e que eu conhecia de sempre e que eu tinha, aliás, introduzido em parte nessas coisas e que era um literato muito fino e até tinha um livro, uma plaqueta, *Poesia esotérica*... É um mundo engraçado, não é? Alguém devia estudar. E Humberto Belo, o tal engenheiro de quem lhes falei; e o Manuel Claro, o primo do... que era o maior sedutor de mulheres que eu conheci. Vivia, aliás, à custa disso. Era a sua fonte de rendimento única. [risos] Sim. Com 25 anos, ele tinha um catálogo que metia Don Juan no chinelo, que só tinha 64, e ele tinha... Então, tinham umas senhoras um bocado mais velhas que *l’on trotiné*. Eu não sei o que foi que eu nunca, nunca mais o vi.

O Humberto Belo está muito mal, quer dizer, envelheceu muito mal, e o Francisco Martins morreu, com 80 e tal anos, sempre igual a cipó. Mas foi uma lição. Trabalhar com ele era fantástico. E nós fazíamos as reuniões. Ele dava o trabalho de casa e depois ele assumia tudo. Então, vinha com os textos, com 40 páginas de crítica do Cunhal, linha a linha, e a malta lia. “Então, o que vocês acharam?” “Pá! Nós achamos fantástico.” “Não senhor. Isso é uma merda. Está tudo mal, está tudo errado. Tem que fazer outra vez.” Quer dizer, um bocado obcecado. Mas se calhar, tem que se ser obcecado em alguma coisa para realmente conseguir fazer alguma coisa bem feita.

Então, ainda pensei em fazer... Portanto, eu licenciiei-me em 1968 e pensei em inscrever-me, em 1968 e 1969, com o tal professor que eu conhecia, para fazer uma coisa em literatura comparada. Queria fazer o surrealismo em Portugal e em França. Ia fazer uma comparação. Porque, não tenho tempo de explicar, mas o surrealismo, em Portugal, foi uma libertação em relação ao neorrealismo.

Eu escrevi muita coisa sobre isso, sobretudo na revista, nos *Cadernos de Circunstância*. Tenho um texto que eu considero importante. Por acaso, foi impresso, porque depois fizemos uma antologia e esse texto está, que é sobre... Eu detectei, eu senti e não soube, ainda não era capaz de dizer, mas já lá está implícito, e no fundo, ao trabalhar e ao dizer, a gente começa a perceber e a ver, a perda de hegemonia do Partido Comunista sobre o setor estudantil, sobre o setor intelectual, sobre o setor cultural, e a médio prazo, a perda de controle, de hegemonia que tinha. Tinha uma contra-hegemonia: a contra-hegemonia do Boaventura [inaudível] Partido Comunista na área cultural.

O Partido Comunista dominava, fazia os autores e os desfazia, os que não gostava. Alguns, o Jorge de Sena e o Vitorino Nemésio, por exemplo, não se podia ler. Estavam proibidos, porque eles eram... não eram nossos. Eu também... Eu andei um bocado nisso. Mas depois comecei a soltar-me. Os autores que me permitiram sair foram dois.

Isso está publicado numa revista chamada *Gazeta musical e de todas as artes*. Um nome... Lá está, a recuperação de um título que tinha servido para fazer crítica musical e que depois um grupo muito fino, muito distinto – Abelaira; Fernandes Fafe; Carlos de Oliveira, sempre longe, mas como sombra; Gomes Ferreira –, eles recuperaram o título e deram-lhe uma volta, e eu tenho lá vários artigos, sobretudo um artigo... Já nem lembro como é que se chama. Também, não passo o tempo a ler. Minha mulher é que às vezes vai à biblioteca e traz-me e diz: “Ai que trago um artigo teu!”. E eu digo: “Que horror! Que coisa tão esquisita!” Parece escrito por um homem muito mais velho do que eu sou hoje. É engraçado. Mas eu sou sério no que escrevo; já não me rio muito. É mais com vocês. E os autores são: o Lukács e o Gramsci.

Tenho a certeza absoluta que fui a primeira pessoa que usou esses autores em Portugal. Apareceu um livro daqui e dali... Que era a saída do stalinismo, quer dizer, do quadrado, que eu discuti lá dentro, ou por outra, tentei discutir lá dentro. Cheguei a sugerir que o partido devia ter uma linha cultural. Tinha veleidades, claro. E eles mandaram-me animar o Cineclube dos Bombeiros Voluntários de Oeiras. E eles é que tinham razão, claro, porque os Bombeiros Voluntários de Oeiras é que era importante, é que era raiz, era enraizamento na sociedade e tal. E eu lá ia, porque eu era muito disciplinado. Sempre fui e continuo a ser. Só nas aulas é que remexo um bocado. E ainda pensei em fazer isso. E depois, com um colega...

Tínhamos este grupo. Isto é muito importante. Para mim, é muito importante para mim, para a minha microbiografia. Nós fizemos esta revista em 1967, quase pelo positivismo empírico: “Estamos sempre a falar ‘Portugal, Portugal’, mas a gente não conhece Portugal. Vamos estudar Portugal”. Estatísticas. Aquiles de Oliveira, que chegou a ser diretor do Instituto Nacional de Estatística, e realmente merecia, e outros: o Fernando Medeiros, o Margarido mais velho... Isso está... Isso existe. A revista chamou-se *Cadernos de Circunstância*, e quem inventou o nome foi o Margarido [inaudível]. E era tudo feito por nós, na minha máquina de escrever que eu ainda tenho, uma Olympia que o meu pai me comprou quando eu tinha 17 anos para fazer traduções e ganhar a vida.

Muito dinheiro ganhei eu com aquela Olympia. Fui o primeiro a traduzir o Prêmio Nobel Le Clézio em português, no mesmo ano em que foi publicado. Somos da mesma idade. Quando ele escreveu o livro, ele tinha 23 anos, e eu, aos 23, estava a traduzir *Le procès-verbal*. *Le procès-verbal* é a multa, no fundo. É o processo quando a polícia vem e te faz o processo. É isso o *procès-verbal*. Foi traduzido como *O processo de Adão Pollo*, que é o personagem. Fui eu que traduzi o primeiro livro. E que era muito bom. O livro era muito bom. Eu o conheço bem, porque li três ou quatro vezes, obrigatoriamente. Então, estava muito agarrado à literatura. Eu próprio gostaria de ter escrito, sem nunca ter experimentado. Só experimentei a poesia. Ganhei o segundo prêmio de poesia dos últimos Jogos Florais que houve, portanto, em 1958, no Dia do Estudante de 1958. Depois já não houve mais, por causa das agitações. E fiquei em segundo lugar. O primeiro lugar: José Cutileiro, que é mais velho do que eu, já tinha livro publicado, quer dizer, sabia fazer. O meu era, assim, um pastiche do Álvaro de Campos. Mas o Jorge de Sena estava no júri, mesmo assim. Mas, enfim, todas as crianças de 18 anos fazem versos. Pelo menos certo tipo de crianças, as socializadas no meio da livralhada.

M.G. – Estavas em 1967.

M.C. – Sim, em 1967. Portanto, fazemos a revista e há uma grande vontade de conhecimento, no sentido positivo e mesmo positivista, mas o Maio de 1968 alterou, repolitizou completamente. Foi muito difícil continuar. Ainda continuamos, ainda publicamos um número em 1970, que aliás foi feito em 1969. Ali há um ou dois números que são coletivos. Mao Tse-tung teria ficado absolutamente encantado. Era discutido a vírgula, e não são assinados, e justificadamente. Claro que havia sempre alguém que trazia... Mas era... Ficávamos horas.

A.C. – [Inaudível].

M.C. – O João Ferreira de Almeida assistiu, é testemunha. Temos muitas testemunhas vivas: o Alberto de Melo. Fazia-se em casa do Alberto de Melo. Porque nós vivemos juntos durante um certo tempo, e fazíamos ali na *rue Malar*, *au Quai d'Orsay*. Mas em 1970, mesmo dentro do grupo, começou a haver divergências. E talvez o mais politizado, o mais feroz, o mais ideológico era talvez eu, por causa da descoberta dos italianos. Porque eu sou amigo, não direi íntimo, mas quase, de Toni Negri e todo esse grupo, que eu conheço muito bem. A última vez, vimos-nos em Veneza. Fomos a comer bacalhau. Eles também fazem bacalhau, de uma forma diferente da nossa.

A.C. – Mario Tronti, conhece?

H.B. – Mario Tronti, nunca conheci, porque eu conheci o grupo em 1969. Portanto, logo a seguir de 1968. O primeiro contato político: fomos a Bruxelas. Estava a Leonor Coutinho, não sei se a Cristina Futscher, e fomos a Bruxelas, e estava o Cohn-Bendit. Depois começou a desembarcar toda a velha esquerda, porque a França já tinha bastante, e como se fizesse falta, todos os deuses dos Estados Unidos, Paul Mattick... e russos, quer dizer, aqueles russos antistalinistas. E eu fiz uma viagem com essas pessoas. Então, fizemos esse encontro. E depois, aí conheci... E o Cohn-Bendit e o Paul Mattick discutiam em iídiche. Falavam iídiche um com outro, em meio ao alemão. Falavam do *studenten movimento*, em Bruxelas.

E conheci os italianos em 1969, em Turim, à porta da Fiat de Mirafiori, porque nós fomos inspecionar e lá estavam vários grupos e eu escolhi o que eu gostei mais. Depois fomos com eles para a universidade. Estava o Sofri, a fazer a Luta Contínua, e estava o grupo dos trontianos, dos *operaisti*, dos *fabbricisti*. É uma versão... Originalmente. Não estou falando o Toni Negri de agora porque eu, inclusivamente, tenho dificuldade em perceber o que ele escreve. Imagino que seja muito interessante, mas não consigo perceber muito bem. E li o *Império* e sobretudo li *Moltitudine*, porque me interessou também resolver esse problema, para ver se percebia o que é que ele queria. E eu já calculava e não me interessa. Quer dizer, eu já escrevi um texto, que está publicado no livro... Segundo o Pacheco Pereira, é o meu melhor livro, que é aquele livro chamado *Proletariado*.

A.C. – Sim.

M.C. – Chamado [*Proletariado*]: *o nome e a coisa*, não é? Eu resolvo o meu problema com o Toni Negri dizendo que, no fundo, eles continuam em busca do ator mítico, quer dizer, da revolução que há de acontecer. Já foi a classe operária, já foi [inaudível], agora é *moltitudine* e amanhã há de ser outra coisa qualquer. É o desejo. Pronto. Ele

Transcrição

agora é o desejo. Mas o desejo não chega... Bom, enfim, isso é uma questão muito complicada. Ele foi sempre... Nunca me disse: “Sim, tu fizeste uma grande carreira universitária e agora desdizes”. Não. Porque eu, aliás, nunca me desdisse. Nunca me desdisse nem deixei de desdizer e não tenho que deixar de dizer.

O que aconteceu é que o grupo, perante a iminência de uma guerra intestina, de uma ruptura e de repetir aquele ciclo microgrupo escolar que sempre nos tinha inspirado bastante pouco interesse, dissolveu-se. E somos todos amigos. É maravilhoso. É um grupo fantástico. Trinta ou 40 anos depois, está tudo... Claro, continuamos com as mesmas divergências; cada um seguiu um pouco o seu caminho; vários vieram para as ciências sociais, indubitavelmente. A obra mais completa é o João Freire, evidentemente.

A.C. – Vamos entrevistar na sexta-feira.

M.C. – Claro, porque o João tem... Mas eu não sei o que vocês vão perguntar, porque ele escreveu uma autobiografia de 600 páginas.

A.C. – Vai ter que falar.

M.G. – Lê o que escreveu. Fala do que escreveu.

M.C. – Exato, falar do que escreveu é uma boa ideia. O João dá a entender que fui eu que lhe abri os olhinhos. Aliás, eu era especialista. O José Maria Carvalho Ferreira, que está com uma situação de saúde um bocado complicada... Ouviste falar?

A.C. – Sim.

M.C. – Agora está controlado. Reformou-se, ou vai se reformar, meteu os papéis e tal. Era um jovem operário anão. Ele é um anão grande. Mas é. Tanto que tem uma filha marcada de nanismo. Aliás, ele é o último filho de uma senhora camponesa pobre do Alenquer já com uns 40 anos, à beira da menopausa. E o nanismo vem daí, é tão simples como isso. Mas era das pessoas mais inteligentes. Mas é um sujeito tão intenso, tão intenso que está com problemas psiquiátricos. Também, tem 70 e tal anos. Quer dizer, podia ter aguentado mais cinco ou dez e safava-se. Mas parece que partiu a corda de tanto esticar. Faltava-lhe a socialização e a cultura geral. Faltava-lhe o capital social e cultural.

A.C. – Ele fala disso.

M.C. – Pois claro. Faltou-lhe sempre, desde o princípio. Mas é a pessoa mais inteligente. Mas mesmo... Há coisas realmente onde se vê quem é inteligente, que é, por exemplo, jogar o bridge, que ele aprendeu logo. Enquanto que o João andava ali e nunca percebia as cartas. “Mas tu não percebeste? Não podias jogar o valete de copas, tinhas que jogar a dama de espadas”. Mas o José Maria achava que aquilo era uma chatice. E tinha toda a razão. Foi a última vez que eu tentei jogar bridge, foi com eles, lá em Paris.

A.C. – O grupo em França é o grupo de *Cadernos de Circunstância*? É esse, não é?

M.C. – É este grupo, que está documentado. Onde eu faço, no final, a minha primeira pesquisa histórica: a volta da questão agrária, da reforma agrária e falo qualquer coisa sobre o México. E faço as minhas primeiras notas de pé de página, aquele rito que impede as pessoas de serem livres e espontâneas, quer dizer, tem que sempre pôr a porcaria da referência e não sei o quê. E eu começo a interiorizar, espontaneamente, o vírus acadêmico, aquilo a que Bourdieu chamaria o vírus acadêmico, ou o *homo academicus* e seus rituais. Isto, portanto, é em 1970, de 1969 para 1970. Perdi esse ano acadêmico, o ano de 1968 e 1969. Perdi. E então, em 1969 e 1970...

H.B. – Perdeu pela movimentação?

M.C. – Sim. Perdi. Quer dizer, não me inscrevi em nada. Acabei a licenciatura e depois passo um ano em que tinha que tinha pensado fazer o tal mestrado de literatura comparada, e pronto, e não fiz. Entretanto, o tempo passou, nós discutimos e eu descobri os italianos. Um deles, um rapaz que hoje tem um lugar importantíssimo em coisas de geografia, um geógrafo – é uma espécie de um presidente diretor-geral do cadastro geográfico da Itália e mais não sei o quê –, que era um rapaz que tinha uma casa muito bonita em Florença, cheia de mosquitos no verão, por causa do rio, era mesmo à beira do rio, e eu e a minha futura segunda mulher passamos a noite a saltar na cama. Mas não era por bom... Não. Era para ver se conseguíamos matar os *zanzare* no teto, que era altíssimo – aqueles pés-direitos dos palácios.

H.B. – Mas, Cabral, você já está na segunda mulher?

M.C. – Já.

H.B. – E quando é que acabou o primeiro?

M.C. – Essa parte, não posso... Se eu conto isso, então vocês ficam cá uma semana. Porque eu não sou o Manuel Claro, mas também gostava de contar essas histórias, se fossem para contar. Não. Essas são privadas.

M.G. – Talvez, terminarmos agora essa parte e depois...

M.C. – Portanto, isto vai... É rápido: são dois anos. O grupo dissolve-se em 1970 e isso liberta vários – não sou só eu – para a academia, de certa maneira. Dois deles, o Fernando Medeiros e o José Rodrigues dos Santos, inclusivamente, à boleia, na carona de Maio de 1968 e de 1969, entram para a universidade. Esse José Rodrigues dos Santos era uma cabeça, um talento. Eu ouvi os elogios do Henri Lefebvre, porque ele tinha feito um estudo sobre imigrantes que tinham pedido que era uma coisa, além do mais, de uma ironia absolutamente hilariante, em que ele, no fundo, sugeria: “Se vocês querem realmente resolver o problema de imigração, eu sugiro qualquer coisa de muito parecido com um campo de concentração”, que foi, aliás, o que o Hitler fez. Dava-lhes a entender isso. “É a única maneira de resolver o problema.” Não lhe pagaram, é claro! Mas o Lefebvre telefonou: “*Dites lui que c’est magnifique!*”. “*Oui, oui. Bien sûr, monsieur, je vais lui dire.*” É a melhor nota que o **Gourevitch** deu na Sorbonne enquanto lá esteve. Mas perdeu-se um bocado. Depois fez-se... Ele queria se fazer hippie, mas ele não podia ser hippie porque era demasiado culto e inteligente, de modo

que pôs-se logo a ser o melhor produtor francês de plantas medicinais, o melhor criador de ovelhas não sei o quê, porque tudo que ele fazia, ele fazia muito bem, estudava tudo. Mas perdeu tempo. Mas fez uma tese de doutoramento de mil páginas sobre as plantas medicinais e a sua estrutura antropológica e cognitiva, uma coisa complicadíssima, de que as plantas azuis são boas para o estômago e as verdes são boas para o intestino e perceber a lógica disso e, enfim... Não li as mil páginas; li um resumo.

E o grupo começou a se desfazer. Eu gastei ali dois anos com os italianos, mas não completamente, porque no ano letivo, creio que de 1970 e 1971, ou de 1969 e 1970, inscrevemo-nos, o Fernando Medeiros e eu, em doutoramento na Ecole des Hautes Etudes. Ainda não era; ainda era a Ecole Pratique des Hautes Etudes. Transformou-se em Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales porque era a VI Seção da Ecole Pratique des Hautes Etudes. E eu inscrevi-me. Era diretor Braudel, que vi uma vez passar no corredor, na *rue* de Varenne. E inscrevemo-nos em doutoramento. Não me lembro bem o que era, uma espécie de sociologia econômica, com Charles Bettelheim. E aquilo era um circo maoísta completo: vinham rapazes e raparigas que tinham ido ver a Revolução Cultural Chinesa e que vinham ali contar. E nós, que já tínhamos dado [inaudível] maoísta, mudamos e fomos ter com o Pierre Vilar e fazer uma coisa séria, numa disciplina existente e minimamente consagrada que se chamava história. E fomos fazer história, que eu nunca tinha pensado fazer e nunca tinha feito.

Toda a história que eu sei foi aprendida na escola primária, no liceu, e lendo aqui e além. Mas sei os reis de Portugal todos, de diante para trás e de trás para diante. Sempre gostei daquilo. Dei aquele preliminarzinho. É fácil fazer uma tese em história: tem as fotos, tem a sua cabeça e depois é... “Era uma vez um rei que...”

Fiz o meu doutoramento... Eu escrevi a minha tese... Tudo aquilo eu escrevi...

Então, a certa altura, em 1970, no encontro... Eu fui a dois encontros, a dois congressos do Potere Operaio. Entretanto, o grupo dos italianos vem e faz um... Quando eu os conheci, eles faziam um jornalzinho chamado *La classe*, a classe operária, e tinham um slogan absolutamente maravilhoso que ainda é o mais belo que eu conheço. Aliás, é um romance de um *compagno* escritor que tem **parte nisso**. Então, eles iam escrever, e tinha muita gente, muita proleta, quer dizer, era impressionante, absolutamente impressionante, a mobilização. Então, era assim: “*Cosa vogliamo? Vogliamo tutto, tutto e subito. Vogliamo tutto, tutto e subito. Cosa vogliamo? Vogliamo tutto*”.

A.C. – [Inaudível].

M.C. – Era uma coisa linda. “O que a gente quer? Tudo e agora, já.” Então, havia um rapaz, que aparece no romance, um operário, desses imigrantes do sul... Chama-se Nanni Balestrini, [o autor]. O livro está publicado. Creio que se chama *Vogliamo tutto*. Ele chamava-se Alfonso, tinha aqueles nomes espanhóis que ficaram no sul da Itália. E então ele se dizia... conta para outro e diz: “*Io ero disponibile per qualsiasi tipo di avventura*”. O que aliás é [inaudível], exatamente. E viu-se.

Ora, no congresso de 1970 ou 1971, eu até podia documentar isso, em Florença, onde estavam, além de pessoas do IRA, estavam japoneses, lá daqueles gajos de Tóquio, que davam porrada na polícia com uma brutalidade paralelamente policial, e estava um negro de Granada que chegou a tomar o poder e depois foi limpo... Eu só soube isto depois. Dormíamos todos em um *open space*, quer dizer, os japoneses comiam algas. E depois fomos para a discussão. E eu separei-me, disse: “Com o

movimento, tudo; sem o movimento, nada”. E começam a falar no Partito Armato. “*Bisogna costruire il Partito Armato.*” Armato de quê? Canas? Pedras? Bom, eu tinha que falar sobre isso porque, enfim, acabei por perceber um pouco qual era o plano que eles tinham. *Eles*. Não quero dizer quem. Como dizia uma terceira pessoa, “se tu não acreditas nesse Antonio Negri, quem é que vai acreditar?”.

Aliás, ele nunca foi condenado por ter feito nada; foi sempre por bocas, por encorajar ao crime, digamos assim, *al delitto*. Foi por quê? Porque se meteu com o Partido Comunista. Porque a Democracia Cristã não tinha nada com aquilo; era demasiado ou liberal ou democrática ou, simplesmente, *bonhomme*, bonomia. O PC não, o PC não brinca em serviço. E eles meteram-se realmente com o PC. Eles foram mesmo. Mataram. Foram lá, davam porrada na universidade. Nas universidades onde dominavam, punham os gajos dos PCs de lá para fora. E foram os juízes comunistas que...

Eu estive com ele pouco tempo antes de ele ser preso pela primeira vez, em Milão. Já estava em Oxford na altura e vinha dar palestras, mas estive em casa dele. Sempre com um monte de gente. Um gajo louco, David Cooper, que escreveu *A morte da família*, com o Laing. Esse Cooper estava com uma menina que tinha idade para ser neta dele. E então, durante o jantar... Porque o jantar era sempre... cinco quilos de espaguete, dez quilos de espaguete, vinte quilos de espaguete. Havia mais gente? Mais quilos de espaguete. E faziam-se umas bolonhas fantásticas, de um dia para o outro. Ainda hoje eu faço isso. O melhor que eu aprendi foi *la pasta*, *la pasta asciutta*, e sobretudo *saltati*, *spaghetti saltati*, no dia seguinte. É preciso saber fazer. Eu não sou um bom cozinheiro. E então o outro, o Cooper: “A revolução! Temos que fazer a revolução!”. E o Toni Negri dizia: “*Calma, compagno, è difficile, bisogna...*”. Parecia que era o Moderado. Depois as pessoas desapareceram, foram dormir e eu fiquei a conversar com ele e percebi que ele sabia que ia ser preso. O que nunca pensou era que era para ficar. Depois deixou-se prender, porque achou que saía e tal. Provavelmente, como ele não tinha feito nada, ele também sabia que nunca seria apanhado por ter feito o que quer fosse. E depois passou aqueles anos todos na cadeia. Depois, a certa altura, foi eleito deputado e conseguiu sair; depois voltou, pensando que, devido à idade e ao tempo que tinha passado, o largavam, e ainda lá ficou bastante tempo. Depois começou a ter um regime de... uma espécie de...

H.B. – Semiaberto.

M.C. – Sim. Saía para trabalhar e voltava à noite. Foi aí que seduziu, depois, a filha do... que tão gira! Tem idade para ser neta dele quase. Esta que vem cá a Portugal de vez em quando... É filha de um que foi diretor da Ecole des Etudes, o historiador. São judeus, aliás. Conheço pouco. Jacques Revel. É filha de Jacques Revel. O Jacques Revel é mais novo que eu, portanto, ela podia ser minha filha, tranquilamente. O Toni Negri nasceu em 1933. Ele faz 77 anos, não sei em que dia, este ano. Mas estava...

C.C. – Sessenta e sete.

M.C. – Setenta e sete. Ele nasceu em 1933. Tem mais sete do que eu. Setenta e sete. E desliguei-me. E de fato eu cheguei, existencialmente, ao fim da minha corda, de fato: da França, da revolução e até... Em compensação, abria-se uma janela do lado romântico. E então fui com a minha namorada de um ano ou dois, a futura mãe dos meus dois filhos...

Ela era anglicista, e tinha aquele sistema... uma espécie de Erasmus *avant la lettre*, em que iam ensinar francês aos ingleses e os ingleses vinham ensinar inglês aos franceses, e trocavam assim. E ela foi. Ela tinha um peculiozinho mínimo e eu fui a fazer traduções. Desempreguei-me do meu bom emprego e fui. A verdade é essa, não trabalhei. Não trabalhei, não. Não parei de trabalhar porque tinha que fazer traduções. Minha mãe ajudou-me: deu-me 50 contos, em 1970 e 1971. E com esses 50 contos e umas traduções que fui fazendo, fui então acabar a tese.

E realmente, em 1972, eu praticamente tinha acabado a tese, em dois anos. Avaliem o ano de 1972, em que eu estive fechado, não sei se três ou quatro meses, num quartinho onde nós vivíamos, ali em The Angel, na Saint Peter's Street, em Londres, e com uma mesinha deste tamanho e com as coisas todas espalhadas no chão. Eu escrevi... Fiz, portanto, os *Materiais para a história da questão agrária em Portugal*, porque fiz a seleção toda, trabalhei, fiz o *copy and paste*, fiz a introdução, as notas e não sei o quê; fiz a primeira parte da tese, que se transformou num título muito original, porque chama-se *O desenvolvimento do capitalismo em Portugal no século XIX*. Não é na Rússia. A minha ambição, evidentemente, é apenas de emular o grande gênio. [Inaudível] números estatísticos fantásticos. Aquele que dizia que a gente diz o que quer com os números também sabia. E eu fiz a mesma coisa, mostrei que havia imenso capitalismo em Portugal no século XIX. E durante algum tempo as pessoas acreditaram. Depois deixaram de acreditar. Mas vendi três edições.

M.G. – Manuel, provavelmente, temos de interromper aqui esta história para depois retomar, em outra altura, que não sabemos quando é...

A.C. – O doutoramento é na altura de fazer a interrupção.

M.C. – Sim, mas eu só defendi o doutoramento muito mais tarde.

A.C. – Em 1979, não foi?

M.C. – Eu só defendi em... Entreguei em 1978. Mas o que eu entreguei era o que eu já tinha. Mande limpar e tal e pronto.

M.G. – Ficamos mais a ouvir a tua história de França.

M.C. – É a primeira vez que eu vou para a Inglaterra. E a Inglaterra tem realmente um efeito perverso, porque é muito agradável, é tudo feito para as pessoas serem livres e fazerem o que quiserem e aproveitarem bem o tempo. Quer dizer, é uma coisa extremamente perversa. Não há resistência, quer dizer, a gente tanto se pode atirar ao rio como ganhar o Prêmio Nobel, quer dizer, *it's up to you, it's a free country*, [inaudível].

A.C. – Essa história é fascinante, mas nós temos que agora parar aqui e...

M.C. – Quer dizer... Eu agora tenho vergonha! [riso] Gastei já... Já não há... Tem que mandar vir do estrangeiro mais...

M.G. – Mais fita.

M.C. – Então, nós podemos combinar no Brasil.

H.B. – Eu acho. Eu acho que tinha que ser lá.

M.C. – Estou brincando.

A.C. – Nós podemos combinar quer cá, quer no Brasil.

M.C. – Mas eles ainda têm paciência de me aturar mais duas horas?

A.C. – Isso têm, com certeza.

M.C. – Não sei se têm condição e *bobines*. Não, isso não tem *bobine*.

[FINAL DO DEPOIMENTO]